



“Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho”?

Uma análise crítica

LEONARDO MARMO MOREIRA

JORGE HESSEN

REVISÃO
IRMÃOS W.

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Edição: <http://aluznamente.com.br/>

A LUZ NA MENTE
REVISTA ON LINE DE ARTIGOS ESPÍRITAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

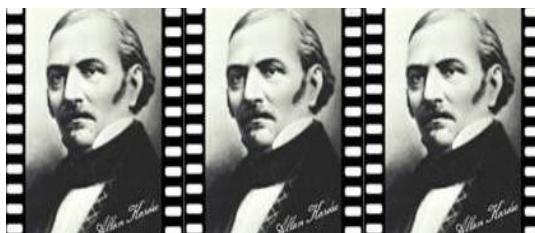
É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org



Com atributos de historiador, identificamos em “Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho” distintas e presumíveis interpolações, isto é, percebemos possíveis “adaptações” a partir da psicografia original, desta forma, identificamos um conjunto controlado de informações impostas ao texto de Humberto de Campos. Há indícios evidentes de inserções descontextualizadas nos capítulos, prejudicando inclusive os fatos históricos propostos pelo autor espiritual.

Jorge Hessen – Pacto-Áureo – 2016
Escritor e expositor espírita

PREFÁCIO: Jorge Hessen

INTRODUÇÃO: Leonardo Marmo Moreira

REVISÃO: Irmãos W.

PUBLICAÇÃO: <http://aluznamente.com.br/>

ÍNDICE

Prefácio (Jorge Hessen)	05
Introdução “Brasil, Coração Do Mundo, Pátria Do Evangelho” (Leonardo Marmo Moreira)	08
1 - O Coração do Mundo	13
2 - A pátria do Evangelho	16
3 - Os Degradados	17
4 - Os Missionários	18
5 - Os Escravos	21
6 - A Civilização Brasileira	24
7 - Os Negros do Brasil	27
8 - A Invasão Holandesa	30
9 - A Restauração de Portugal	32
10 - As Bandeiras	34
11 - Os Movimentos Nativistas.....	36
12 - No Tempo dos Vice-Reis	38
13 - Pombal e os Jesuítas	41
14 - A Inconfidência Mineira	44
15 - A Revolução Francesa	47
16 - D. João VI no Brasil	49
17 - Primórdios da Emancipação	52
18 - No Limiar da Independência	53
19 - A Independência	54
20 - D. Pedro II	56
21 - Fim do Primeiro Reinado	59
22 - Bezerra de Menezes	61
23 - A Obra de Ismael	68
24 - A Regência e o Segundo Reinado	71
25 - A Guerra do Paraguai	74
26 - O Movimento Abolicionista	80
27 - A República	90
28 - A Federação Espírita Brasileira	94
29 - O Espiritismo no Brasil	99
30 - Pátria do Evangelho	108
Análise Final	110
Conclusão	115
Referências Bibliográficas	116



PREFÁCIO

Nas minhas sondagens históricas encontrei confrades que me afiançaram na sede da FEB – Federação Espírita Brasileira - que Chico Xavier jamais advertiu a tal “tenda de Ismael” (sede da FEB no DF) sobre as possíveis e alegadas interpolações ideológicas em “Brasil coração do mundo pátria do evangelho”. Desconhecemos maiores detalhamentos dos bastidores desse intercâmbio entre o médium e velhos ex-diretores da FEB.

Encontrei aqueles que atestam a anuência do Chico sobre a inserção de Roustaing no capítulo 22 de “Brasil coração do mundo pátria do evangelho” demonstrando supostas correspondências entre o Chico e o Wantuil de Freitas, contidas na obra “Testemunhos de Chico Xavier”. Todavia, descobrimos que foram repassadas para a autora da obra Suely Caldas Schubert (que não tem trajetória roustanguista) apenas algumas fontes secundárias, fragmentos datilografados das cartas e intencionalmente selecionadas e elaboradas pelos docetistas Zeus Wantuil e Francisco Thiesen.

Foi forjada uma autenticidade da inserção do Roustaing no livro “sagrado” do (im)“Pacto áureo”, quando antigos ex-diretores da FEB visitaram o Chico Xavier a fim de que médium mineiro pudesse “autenticar” o livro ou a página do capítulo 22 de “Brasil coração do mundo pátria do evangelho” para corroborar a autenticidade da psicografia original (que foi inexplicavelmente incinerada pela FEB), porém Chico “autenticou” o capítulo 22 com a “robusta” confirmação: “Com um abraço do servidor menor Chico Xavier”. Ou seja, não confirmou nada!

O golpe do (im)“Pacto Áureo” foi uma agenda com dezoito itens, sendo que no primeiro constava: “Cabe aos espíritas do Brasil colocarem em

prática a exposição contida no livro Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”. Aqui abrimos um parêntese por entendermos que neste dispositivo houve uma proposição passível de consequência indesejável, considerando o foco da unidade entre os espíritas. Ora, o mais razoável seria constar no primeiro item que os espíritas colocassem em prática a exposição contida no Evangelho Segundo o Espiritismo, de maneira a acelerar e consolidar a marcha evolutiva do Evangelho.

Há os que dizem que a adoção do livro “Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho” pode ter dois pretextos, o primeiro porque um grupo dos que discutiram a questão queria adotar “Os Quatro Evangelhos” de Roustaing, o segundo porque os “partidários” da CEPA (Confederação Espírita Pan-Americana) não aceitavam e nem aceitam o Evangelho Segundo O Espiritismo, nesse caso, portanto, o livro de Humberto de Campos estaria na linha de equilíbrio e colocava o Brasil numa posição central da expansão do Evangelho.

Será mesmo? Foi isso que os levou a assinar sem discussão o pacto do qual Herculano Pires batizou de “bula papalina”? Ou será que o excesso de misticismo criara sentimento de culpa e os pactuantes passaram a admitir infalibilidade no presidente da FEB? Ou será que a presença autocrática de Wantuil (que foi uma espécie de “único dono” da FEB) teria entorpecido a consciência dos signatários? Ou será que careciam todos os pactuantes de maior amadurecimento doutrinário? Uma coisa, porém, temos certeza absoluta: se Herculano Pires, Deolindo Amorim e Júlio Abreu Filho tivessem participado da “encantada” reunião febiana de 1949, outro teria sido o rumo das definições doutrinárias para o Brasil.

Pois é! Volvamos aos signatários do Pacto que concluíram sem melhor DEBATE e maturação de que o livro “Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho” continha dados interessantes e demonstrava qual seria a missão do Espiritismo no Brasil. Porém os pactuantes não se preocuparam com os detalhamentos ufanistas e controversos do livro, talvez aí o “X” da questão.

Não levantamos este ponto para contestar os conteúdos originais da obra (os que não foram supostamente alterados pelos docetistas febianos). É muito óbvio que é difícil provar fisicamente a adulteração porque a

psicografia original foi incinerada pela FEB. Urge ressaltar aqui que amamos a literatura de Humberto de Campos (sem as inserções febianas, é lógico!), e tem mais, urge apartar bem as coisas, pois a ingênua entronização de Roustaing pelo suposto “autor espiritual” contraria o pensamento de Kardec contido no Cap. XV da obra A Gênese.

A questão é que “Humberto de Campos” evoca “as tradições do mundo espiritual”, conforme o próprio autor espiritual assevera na Introdução do livro “Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho”. Obviamente esse argumento de “tradições de além” não esclarece, e sequer abona, as ingerências da obra. E isso fica claro se compararmos o livro “Brasil, coração do mundo...” com “Crônicas de Além-Túmulo” e “Boa Nova” de autoria do mesmo Espírito, nos quais Humberto de Campos utiliza de algumas informações obtidas das chamadas “tradições do mundo espiritual”, mas sem cometer os vários lapsos presentes em “Brasil coração do mundo pátria do evangelho”. A propósito da obra “Crônicas de Além-Túmulo” no capítulo 21 intitulado “O Grande Missionário”, publicado antes de “Brasil, coração do mundo...”, são citados como colaboradores de Allan Kardec somente os missionários Camille Flammarion, Léon Denis e Gabriel Delanne, sem nenhuma menção a Roustaing. Isso indica provável interpolação maliciosa na obra “Brasil coração do mundo pátria do evangelho”. Este é o meu parecer.

Brasília, 10 de abril de 2018

Jorge Hessen



INTRODUÇÃO

“BRASIL, CORAÇÃO DO MUNDO, PÁTRIA DO EVANGELHO”

“Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho” é um dos livros mais divulgados do Movimento Espírita Brasileiro e, interessantemente, também um dos mais polêmicos.

Tendo para nós Francisco Cândido Xavier como o maior médium de todos os tempos, com especial destaque para a sua atividade psicográfica, a qual já nos legou quase 500 livros, e considerando sua altíssima qualidade doutrinária, sempre nos causou curiosidade as conhecidas e já antigas polêmicas dentro do Movimento Espírita a respeito de uma das suas mais vendidas obras que é “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”. Nenhuma outra obra de Chico Xavier, dentro de sua prolífica e profícua produção mediúmica, tem gerado polêmica doutrinária como essa.

Percebemos, no entanto, que muitos dos debates envolvendo “Brasil, coração...” são confusos, misturando em suas respectivas análises a ideia básica inserta no título do livro, concernente à missão espiritual do povo brasileiro, com o conteúdo do livro propriamente dito. Outras análises também são restritas, única e exclusivamente, à credibilidade de nomes, seja dos personagens insertos no corpo do texto, seja daqueles que tiveram participação na elaboração da obra. A nosso ver, nenhuma das abordagens supracitadas estaria de acordo com o esforço de análise do conteúdo da mensagem preconizado tão enfaticamente na “Codificação Espírita” por Allan Kardec.

Mesmo dentro de significativas controvérsias, essa obra, que está completando 77 anos da publicação de sua primeira edição, permanece pouco estudada, embora, paradoxalmente, seja contínua, ampla e intensamente divulgada por todos os meios acessíveis.

É importante estimular não só a leitura, mas o estudo das obras espíritas, mesmo aquelas mais tradicionais. Se uma das preocupações fundamentais dos dirigentes de “Centros Espíritas” é orientar jovens e neófitos com segurança doutrinária, é importante que uma das obras mais difundidas do movimento espírita seja estudada profundamente com base na Doutrina Espírita.

A obra “Brasil, coração...”, embora muito divulgada, ainda não possui um estudo sistemático de todos os seus trinta capítulos, em termos simples e baseados nas obras da Codificação. Um estudo desse tipo seria um excelente exemplo de análise doutrinária que sempre deve ser feito com todas as obras espíritas.

Com o objetivo, única e exclusivamente, de contribuir para o estudo de obra tão importante dentro do contexto do movimento espírita é que submetemos nossa singela contribuição aos confrades que eventualmente demonstrem interesse em conhecer nossa análise. Certos de que esse pequeno esforço consiste em avaliação que deve ser prática comum em nossas leituras doutrinárias, estamos à disposição dos amigos leitores para a troca de ideias, sem a qual jamais construiremos, efetivamente, a “fé inabalável”, conforme conceituação da “Codificação Kardequiana”, em condições de “enfrentar a razão, face a face, em todas as épocas da humanidade”.

O próprio Santo Agostinho tem oportunidade de afirmar em “O Livro dos Médiuns” (capítulo XXI – “Dissertações Espíritas” (Item XVI)): “Aprende a distinguir o joio do trigo. Semeai apenas o trigo e evitai espalhar o joio, porque este impedirá que o trigo germine e sereis responsáveis por todo o mal que decorrer disso. Assim, sereis responsáveis pelas doutrinas errôneas que divulgardes” [Kardec, 1973].

O MOVIMENTO ESPÍRITA NOS DIAS ATUAIS E NO FUTURO

O Movimento Espírita vive atualmente um momento decisivo em seu desenvolvimento histórico, tanto em nível nacional como em uma esfera mundial. Muito do preconceito contra o Espiritismo e os espíritas foi substancialmente diminuído. Testemunhamos representativa atenuação dos ataques que o Movimento Espírita e os espíritas costumam sofrer desde o tempo de Allan Kardec, graças a uma compreensão mínima, por parte da sociedade, em relação aos ideais doutrinários e às atividades do Centro Espírita e/ou do Movimento Espírita. Nesse contexto, pode-se destacar a significativa obra de assistência social desenvolvida pelos centros espíritas e o exemplo de cidadania digna que muitos espíritas forneceram, com destaque para Chico Xavier, e continuam fornecendo por intermédio de existências de alta significação do ponto de vista espiritual.

O respeito social conquistado pelo movimento espírita e pelos espíritas em geral tem sido considerado um dos fatores propiciadores do aumento de número de adeptos da Doutrina Espírita no Brasil e no Mundo.

Obviamente, esse aumento de adeptos é, em princípio, um fato muito positivo, pois significa, entre outras coisas, que maior número de pessoas tem tido acesso à mensagem libertadora proporcionada pelo Espiritismo, “o consolador prometido por Jesus”.

No entanto, tal crescimento quantitativo do Movimento Espírita, tanto do número de adeptos como do número de instituições espíritas, também representa um contexto profundamente desafiador para todos aqueles que possuem maior nível de compromisso com o ideal espírita, incluindo diferentes tipos de trabalhadores, tais como dirigentes de centros espíritas, estudiosos, redatores, palestrantes, médiuns etc.

O aumento numérico de adeptos e de centros espíritas, associados a um intenso aumento da publicação de obras tidas como espíritas, que podem apresentar conteúdo doutrinário bastante questionável, algumas das quais muitas vezes com o *status* de “*best-sellers*”, tem preocupado muitos espíritas conscientes de suas responsabilidades com relação ao trabalho doutrinário e com a responsabilidade que o Espírito Santo Agostinho menciona no comentário transcrito no tópico anterior. Portanto,

aparentemente, o aumento do número de adeptos está significativamente associado a neófitos com conhecimento ainda superficial a respeito do Espiritismo. Assim sendo, o Centro Espírita, como principal célula do “Movimento Espírita”, tem uma responsabilidade capital no processo de educação espírita de qualidade, assim como cada espírita militante tem que procurar fornecer sua contribuição para que a “Luz da Verdade”, que por acréscimo de misericórdia possa tê-lo beneficiado, também possa chegar a outros irmãos, sendo, se possível, igualmente conservada para as futuras gerações das décadas que virão.

Não podemos olvidar a necessidade de estimular a análise crítica do conteúdo de toda mensagem espírita, conforme aprendemos na Codificação Kardequiana, seja ela veiculada oralmente, em livros convencionais, ou por meio das mídias eletrônicas, tão em voga atualmente e que serão, sem dúvida, meios de estudos doutrinários cada vez mais intensivos no futuro.

O fato é que o Movimento Espírita deve ser sempre consolidado sobre as bases de significativo conhecimento doutrinário ao invés da Doutrina Espírita ser “adaptada” pelos “modismos” do Movimento. O problema não é o direito das pessoas em crer nos conceitos espiritualistas com os quais tem afinidade. O problema é fazer passá-los como espíritas, quando não são. Se esse direcionamento verdadeiramente doutrinário não acontecer, a “Casa Espírita” e toda atividade espírita começarão a ser apresentadas “à moda da Casa”, como alguns confrades costumam comentar (e como, em alguns casos, já vem acontecendo). Essa descaracterização doutrinária pode, lenta, gradual, porém sistematicamente, consolidar-se de tal forma que os confrades do futuro terão muitas dificuldades para recuperar a chamada “simplicidade evangélica” e a coerência doutrinária, à luz do pensamento kardequiano, que devem ser sempre as diretrizes de segurança para o desenvolvimento de atividades espíritas.

Ao lembrar de Léon Denis, logo no início de “No Invisível” (“O Espiritismo será aquilo que os homens fizerem dele”) [Denis, 2011], percebemos a responsabilidade que nos cabe, a nós que estamos vinculados, de coração, ao movimento espírita.

Tal conscientização motivou o estudo e a confecção do presente trabalho de análise da obra “Brasil,...”. Esta análise visa avaliar o conteúdo da mensagem, conforme preconizado por Allan Kardec, e com isso melhorar nossa compreensão doutrinária, objetivando o aumento do discernimento doutrinário do movimento espírita para o presente e para as gerações do futuro.

Busquemos, portanto, a fé raciocinada, com sinceridade, para que a nossa percepção doutrinária seja a mais fiel possível e para que o tríplice aspecto do Espiritismo tenha equilíbrio e apoie-se mutuamente, tanto em nossas mentes como em nossos corações, o mais próximo possível do ideal inspirado pela Falange do Espírito de Verdade e tão lucidamente captado pelo “Codificador” Allan Kardec.

O volume da respectiva obra de Humberto de Campos pela mediunidade de Chico Xavier que foi utilizada para essa avaliação é a 33 ed. FEB 9/2010 [Campos, 2010]*.

*Campos, H. [psicografado por Francisco C. Xavier]. Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho. 33 ed. Federação Espírita Brasileira. 2010.

Leonardo Marmo Moreira
Escritor e expositor espírita

CAPÍTULO 1 O CORAÇÃO DO MUNDO

Pág. 16 “—*Helil – disse a voz suave e meiga do Mestre a um dos seus mensageiros, encarregado dos problemas sociológicos da Terra – meu coração se enche de profunda amargura, vendo a incompreensão dos homens no que se refere às lições do meu Evangelho. Por toda parte é a luta fratricida, como polvo de infinitos tentáculos, a destruir todas as esperanças...*”

É estranho que Jesus pareça amargurado, desanimado. Os Mentores espirituais de André Luiz, por exemplo, são sempre cuidadosos ao tratar dos mais complexos problemas com pensamento positivo, buscando não criar impressões negativas nos interlocutores e nos eventuais leitores. Já é tempo dos homens se compenetrarem de que não há nenhum ser humano em condições de radiografar a alma do Divino Amigo para afirmar como Ele se sente. Entretanto, alguns podem comparar a expressão de amargura de Jesus com as palavras do Espírito de Verdade no item 5 do capítulo 6 (“O Cristo Consolador”) de “O Evangelho Segundo o Espiritismo” [Kardec, 1973]: “Sinto-me por demais tomado de compaixão pelas vossas misérias, pela vossa fraqueza imensa, para deixar de estender mão socorredora aos infelizes transviados que, vendo o céu, caem nos abismos do erro.”

Pág.17. “*Todavia – replicou o emissário solícito, como se desejasse desfazer a impressão dolorosa amarga do Mestre....*”

Helil está tentando consolar Jesus? O texto dá a entender que Helil está tentando despertar uma visão mais positiva para o Mestre. Pode-se alegar que Jesus está apenas “dando a oportunidade de Helil elaborar a discussão, o que ele mesmo, Jesus, poderia fazer. É uma hipótese razoável. De qualquer maneira, vamos prosseguir para colher mais dados para nossa análise.

Pág. 17 “*...esses movimentos, Senhor, intensificaram as relações dos povos da Terra, aproximando o Oriente e o Ocidente, para aprenderem a lição da solidariedade nessas experiências penosas; novas utilidades da*

vida foram descobertas; o comércio progrediu além de todas as fronteiras, reunindo as pátrias do orbe...”

Helil estava tentando explicar e justificar as Cruzadas para Jesus.

Pág. 17 “...Sobretudo, devemos considerar que os príncipes cristãos, empreendendo as iniciativas daquela natureza, guardavam a nobre intenção de velar pela paisagem deliciosa dos lugares santos”.

Em primeiro lugar, “Lugares santos” constitui expressão atípica ao Espiritismo. Entretanto, é difícil crer que os responsáveis pelas Cruzadas “...guardavam a nobre intenção...”. Como pode ser nobre uma intenção de matar um número incontável de pessoas por vários séculos para ter o controle de um local físico, ou porque queriam “...velar pela paisagem deliciosa dos lugares santos”?

Pág. 19 “...Cheio de esperanças, emociona-se o coração do Mestre, contemplando a beleza do sublimado espetáculo.

- Helil – pergunta Ele -, onde fica, nestas terras novas, o recanto planetário do qual se enxerga, no infinito, o símbolo da redenção humana?”

Jesus, segundo o texto, teria enfatizado que “o símbolo da redenção humana” é a cruz. Trata-se de comentário simbólico vazio e sem sentido para aquele que dois mil anos atrás combateu uma série de simbolismos e tradicionalismos religiosos. Já naquela época, Jesus achava que tínhamos condição de saber que “o Reino de Deus está dentro de vós”; “nem todos aqueles que dizem: “Senhor, senhor”, serão salvos!”. Além disso, Ele parece desconhecer a posição geográfica do Brasil. É claro que podemos considerar uma pergunta retórica.

Na página 20, o texto se refere a Portugal de forma muito questionável:

Pág. 20 “...A nação mais humilde da Europa” (*grifos nossos*).

Em que sentido Portugal seria a nação mais humilde da Europa? Economicamente? Militarmente? Moralmente? É bem questionável tal afirmativa. Mais à frente, o texto acabará propondo sentenças

contraditórias em relação a essa suposta liderança em termos de humildade.

Pág. 21 *“Foi por isso que o Brasil, onde confraternizam hoje todos os povos da Terra, e onde será modelada a obra imortal do Evangelho do Cristo, muito antes do Tratado de Tordesilhas, que fincou as balizas das possessões espanholas, trazia já, em seus contornos, a forma geográfica do coração do mundo”.*

Trata-se de um comentário confuso. Ora, se analisarmos a costa oriental da América do Sul, que hoje constitui o litoral brasileiro, nós não teremos a forma aproximada de um coração. Isso só pode ser admitido com a expansão da América portuguesa para muito além dos limites portugueses estabelecidos pelo Tratado das Tordesilhas. Previamente, somente analisando a geografia da região, fica difícil visualizar *“...em seus contornos, a forma geográfica do coração do mundo”*, a não ser que o texto se refira a toda a América do Sul, mas o texto frisa, especificamente, *“o Brasil”*.

CAPÍTULO 2

A PÁTRIA DO EVANGELHO

Vejam um diálogo entre Jesus e Helil. Diz Helil a Jesus:

Pág. 27 “—Mestre – diz ele –, graças ao vosso coração misericordioso, a terra do Evangelho florescerá agora para o mundo inteiro...”.

Dizer que o Brasil é a terra do Evangelho faz parecer que o Espírito Helil está menosprezando o resto do mundo. Mesmo que se possa interpretar isso como sendo uma referência a uma “missão” especial do nosso país, Helil poderia ter dito “... a terra onde esperamos seu Evangelho florescerá e servirá de exemplo para o mundo inteiro...”.

Vejam a resposta de Jesus:

Pág. 27-28 “ – Helil, afasta essas preocupações e receios inúteis. A região do Cruzeiro, onde se realizará a epopeia do meu Evangelho, estará, antes de tudo, ligada eternamente ao meu coração”.

Em primeiro lugar, “a epopeia do Evangelho de Jesus” deveria ser realizada em toda a Terra. Jesus diz no Evangelho: “Ide e pregai a todas as Criaturas...” e também “...tenho ovelhas que não são desse redil...”. Em segundo lugar, todos os rincões do planeta são carinhosamente cuidados por nosso Mestre Jesus.

Alguns leitores e/ou confrades poderiam alegar que Humberto de Campos escreve de acordo com “as tradições do mundo espiritual”, conforme o próprio autor espiritual assevera na Introdução do livro “Brasil, coração...”. Essa alegação, por si só, já faz com que devamos ter um cuidado ainda maior na leitura da respectiva obra e nas inevitáveis inferências. Entretanto, somente esse argumento não explica, e muito menos justifica, os problemas da obra. E isso fica claro se compararmos o livro “Brasil, coração...” com “Crônicas de Além-Túmulo” [Campos, 1998] e “Boa Nova” [Campos, 2004], nos quais Humberto também utiliza de algumas informações obtidas das chamadas “tradições do mundo espiritual”, mas sem cometer os vários lapsos presentes em “Brasil, coração...”.

CAPÍTULO 3 OS DEGREDADOS

Pág. 33 “...Na sua branca substância, uma tinta celeste inscrevera o lema imortal: “Deus, Cristo e Caridade”.

O autor dessa inscrição seria Ismael que, de forma sutil , faz propaganda da Federação Espírita Brasileira, afinal, “Deus, Cristo e Caridade”, é o lema dessa instituição. Sentimos falta dos Espíritos terem destacado, também, o lema do Espiritismo “Fora da Caridade Não Há Salvação”, porque esse lema é a mais pura representação do Evangelho de Jesus, que deixa muito claro que não importa a crença de uma pessoa, pois se ela pratica a caridade, ela está agindo de modo correto. Alguém pode não acreditar nem em Deus, nem no Cristo, mas se praticar a Caridade, vai estar de acordo com a Lei de Justiça, Amor e Caridade. Portanto, o lema do Espiritismo, em nossa opinião, deveria ter sido destacado aqui, como o lema de uma pátria que é dita ser “a pátria do Evangelho”.

CAPÍTULO 4 OS MISSIONÁRIOS

Pág. 40 “...Temos de buscar no seio da Igreja as roupagens exteriores de nossa ação regeneradora. Infelizmente, a dolorosa situação do mundo europeu, em virtude do fanatismo religioso, tão cedo não será modificada. Somente as grandes dores realizarão a fraternidade no seio da instituição que deverá representar o pensamento do Senhor na face da Terra, a Igreja que, desviada dos seus grandes princípios pela mais terrível de todas as fatalidades históricas, foi obrigada a participar do organismo mundano e perecível dos Estados...”

Ismael afirma que a Igreja “deverá representar o pensamento do Senhor na face da Terra”. Se isso fosse admitido no movimento espírita como verdadeiro, deveríamos desenvolver estratégias para fomentarmos uma profunda aproximação com a igreja católica e o Movimento Espírita se transformaria em uma “ordem da igreja católica”.

O texto ainda afirma que a Igreja “foi obrigada a participar do organismo mundano e perecível dos Estados...” Em nossa opinião, a Igreja não “foi obrigada” a participar do organismo mundano, como afirma o texto. O que a História mostra é que os líderes religiosos cederam à tentação de compactuar com o poder humano, o que trouxe prejuízos graves para a instituição da mensagem cristã, simples e verdadeira, junto aos povos. Esses comentários não estão de acordo com o que os Espíritos da falange do Espírito de Verdade comentam sobre a Igreja Católica Apostólica Romana no livro “Obras Póstumas” [Kardec, 1998]. E não se trata de opinião pessoal, conforme podemos inferir dos seguintes trechos de duas mensagens de Obras Póstumas (“Futuro do Espiritismo” e “A Igreja”) [Kardec, 1998]. Na primeira, o autor espiritual assevera “...cabe-nos retificar os erros da história e apurar a religião do Cristo, transformada, nas mãos dos padres, em comércio e em vil tráfico. Instituirá (o Espiritismo) a verdadeira religião, a religião natural, a que parte do coração e vai diretamente a Deus, sem dependência das obras da

sotaina ou dos degraus do altar". Na segunda mensagem citada é comentado que "Chegou a hora em que a Igreja deve prestar contas do depósito que lhe foi confiado; do modo como praticou os ensinamentos do Cristo, do uso que fez da sua autoridade, da incredulidade, enfim, a que arrastou os homens". E mais à frente o autor é ainda mais incisivo quanto ao futuro da Igreja estabelecendo que "Deus a julgou e reconheceu-a imprópria, de hoje em diante, para a missão do progresso, que incumbe a toda autoridade espiritual". Ainda sobre a Igreja Católica e o futuro da humanidade o Espírito d'E... afirma que a Igreja "acha-se nesta alternativa: ou se transforma e suicida-se, ou fica estacionária e sucumbe esmagada pelo carro do progresso". Como se não bastasse, o autor ainda é mais peremptório asseverando que "a doutrina espírita é chamada a ferir de morte o papado..." e conclui seu artigo com a seguinte frase "A Igreja atira-se, por si mesma, ao precipício" [Kardec, 1998].

Pág. 40 *"...Um sopro de reformas se anuncia, impetuoso, no âmago das organizações religiosas da Europa e, em breves dias, Roma conhecerá momentos muito amargos..."*

Pág. 40 *"... Leão X, que detém neste instante uma coroa injustificável, porquanto o Reino de Jesus ainda não é desse mundo..."*

Pág. 40. *"...o seu campo nos oferece para encetar essa obra de edificação da pátria do Cordeiro de Deus"*.

A expressão "Cordeiro de Deus", a qual, na missa católica, se completa com "...que tira os pecados do mundo...", não consiste em uma expressão espírita e não tem o menor significado dentro da doutrina espírita, já que não acreditamos na "Salvação", como é o caso do catolicismo e de outras religiões cristãs.

Como é possível perceber, analisando até o presente capítulo, já fica difícil aceitar o texto como obra propriamente espírita. Estaria mais para um livro meramente espiritualista ou ficcional. Entretanto, a situação fica mais grave se considerarmos que tal livro é exaltado como fundamental para o Espiritismo brasileiro e mundial. E é justamente por amar Chico Xavier e Humberto de Campos, respeitando e amando suas verdadeiras e extraordinárias

contribuições, como elevadíssimos desenvolvimentos das obras básicas de Allan Kardec, que temos dificuldade em aceitar esse livro como obra relevante doutrinariamente.

p.42 “...Não constitui objeto do nosso trabalho o exame dos erros profundos da condenável instituição (referindo-se à Inquisição.)...”.

No mesmo parágrafo desse comentário (na mesma página 42), o texto confirma isso, afirmando:

p.42. “...O que nos importa é a exaltação daqueles missionários de Deus, que afrontavam a noite das selvas para aclarar as consciências com a lição suave do Mártir do Calvário. Esses homens abnegados eram, de fato, “o sal da nova terra”.

Trata-se de uma contradição. O autor chama de condenável a instituição que elogia ao longo do livro. O capítulo termina com duas expressões tipicamente católicas:

p.43 “...e, com sua divina pobreza se fizeram os iniciadores da grande missão apostólica (referência à Igreja Católica Apostólica Romana) do Brasil...”

p.43. “...transformando a terra do Cruzeiro numa dourada e eterna Porciúncula.”

Existe uma cansativa exaltação da “divina pobreza” e da humildade com a inauguração da missão apostólica.

CAPÍTULO 5 OS ESCRAVOS

No presente capítulo, Jesus, em diálogo com Ismael parece desconhecer que os africanos eram escravizados pelos europeus ou parece desejar que os “portugueses escravizassem com amor”. Vejamos a passagem:

p.46 (primeira página do capítulo): “...*Ismael, porém, não trazia no coração o sinal da alegria. Seus traços fisionômicos deixavam mesmo transparecer angelical amargura*”

Nota-se, mais uma vez a utilização de expressões tipicamente católicas. E, principalmente, existe “angelical amargura” ?! Vejamos o que Jesus comenta para explicar a escravidão dos negros no Brasil que durou praticamente 4 séculos inteiros, e cujas consequências, de certa forma, perduram até hoje:

“...Havia eu determinado que a terra do Cruzeiro se povoasse de raças humildes do planeta, buscando-se a colaboração dos povos sofredores das regiões africanas; todavia, para que essa cooperação fosse efetivada sem o atrito das armas aproximei Portugal daquelas raças sofredoras, sem violências de qualquer natureza. A colaboração africana deveria, pois, verificar-se sem abalos perniciosos, no capítulo das minhas amorosas determinações...”

Em primeiro lugar, seria mais coerente supor que Jesus dissesse “daqueles irmãos sofredores” e não “daquelas raças sofredoras”. Da maneira como o texto é apresentado, Jesus está pensando em termos de “raças”. Ora, o Espírito é imortal e pode habitar todo tipo de corpo, todo tipo de raça, em qualquer nacionalidade etc. Em segundo lugar, a “colaboração” é um eufemismo pouco adequado para escravidão. Jesus não poderia ignorar que havia escravidão no mundo e que os negros ficariam 4 séculos como escravos no Brasil. Em terceiro lugar, “...aproximei Portugal daquelas raças sofredoras, sem violências de qualquer natureza...” causa extrema estranheza. É possível que Jesus tenha dirigido o processo de aproximação entre Portugal e os povos africanos, entretanto, não se pode acreditar que o

Mestre esperasse que o processo de escravização ocorresse sem violência, ou mesmo crer que Portugal pudesse convencer esses povos a migrarem para o Brasil voluntariamente. Do século XVI ao século XIX, a par dos quatro séculos de escravidão no Brasil, portugueses, espanhóis, franceses, holandeses e ingleses desfalcaram a África de uma parte muito grande da sua população (cerca de 15 milhões de indivíduos).

Estudos e pesquisas sobre a escravidão no Brasil confirmam que aqui ela apenas se expandia, eis que há muito tempo já era ativa no mundo todo, principalmente na Europa. Portugal já a praticava na África, buscando escravos abaixo do oeste africano, em águas atlânticas. Vejamos a seguinte passagem que é um comentário atribuído a nosso Mestre Jesus de Nazaré:

p.48 “...*Na velha Península já não existe o povo mais pobre e mais laborioso da Europa...*”.

Na época das navegações e nos períodos em que começava a relação de Portugal com os povos africanos, Portugal não era “*o povo mais pobre...da Europa*”. Se Portugal fosse o povo mais pobre da Europa, não teria a mínima condição de promover o financiamento de uma série de expedições, cujos custos eram altíssimos. Aliás, se isso fosse verdade, por que os espanhóis assinaram o “Tratado de Tordesilhas”, dividindo o mundo todo em duas partes com o “*o povo mais pobre...da Europa*” ?! Os espanhóis poderiam ficar com tudo ou anexarem Portugal, que, sendo “*o povo mais pobre...da Europa*” não poderia impor quaisquer tipos de resistência econômica e, por consequência, militar, até por ser um país pequeno em extensão territorial. Os investimentos econômico, político, tecnológico, militar e estratégico eram altíssimos e foi justamente arcando com tamanho investimento que Portugal cacifou-se como uma “Potência Naval” da época. Para ilustrar vou frisar três expedições: A de Vasco da Gama (“pano de fundo” do famoso “Os Lusíadas” de Camões) para encontrar o caminho para as Índias; a de Pedro Álvares Cabral, que não se restringiu ao descobrimento do Brasil, pois uma parte das embarcações, após ficar um tempo no Brasil, seguiu viagem para a

África; e a que previamente havia descoberto o chamado “Cabo das Tormentas” (hoje “Cabo da boa Esperança”). Será que “o povo mais pobre...da Europa” teria condições de financiar tudo isso?

Na Idade Média, considerando o período da escravidão no Brasil, Portugal tinha reis, Inglaterra, Espanha e França, também. Eles misturavam as nobrezas em arranjos interesseiros, Portugal/Inglaterra e França/Espanha, daí que a troca de favores ajudou Portugal e seu pendor para as viagens marítimas, tendo como aliada a Inglaterra, então considerada a “rainha dos mares”.

Por outro lado, será que o povo português poderia ser considerado realmente “...o povo...mais laborioso da Europa...”? Sem desmerecer o povo português, mas tal afirmativa poderia ser facilmente questionada por historiadores da Europa e de outros povos europeus.

CAPÍTULO 6

A CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

p.53 “... *Villegaignon, localizado na Guanabara, edifica a sua obra; mas os padres calvinistas, que lhe acompanharam a expedição, inutilizam-lhe muitas vezes o trabalho construtivo, com as suas discussões estéreis...*”.

O livro apresenta um forte viés católico, escrevendo para espíritas, mas exaltando o Catolicismo e os católicos. Evitando críticas ao Catolicismo, “dourando a pílula” até da Inquisição. Nesse contexto, as críticas aos Protestantes soam despropositadas e exageradas. O livro também contempla algumas passagens, que poderiam ser classificadas como pueris ou inúteis, com linguagem e contexto que não aparecem em boas obras espíritas. Vejamos um dos parágrafos da página 54:

p.54 “...*Nas esferas superiores do Infinito, Ismael e suas abnegadas falanges choram sobre tão lamentáveis acontecimentos, quais o suplício imposto a João de Bolés pelos elementos de mais confiança dos maiores da espiritualidade*”.

Em primeiro lugar, se Emmanuel ou os mentores de André Luiz encontrassem um Espírito chorando demais, mandariam-no prontamente ao trabalho. Em segundo lugar, “...*Nas esferas superiores do Infinito...*” é uma expressão vazia. Somos informados que os Espíritos Superiores trabalham muito e que não ficam nas “esferas superiores”, ainda mais do “infinito”. De preferência, vão para o umbral socorrer irmãos. Além disso, “*dos maiores da espiritualidade*”, é uma expressão um tanto infeliz. Trata-se de uma linguagem grosseira em relação aos nossos Mentores Espirituais, soando um pouco desrespeitosa com relação aos Protetores espirituais que se esforçam para o nosso bem. Como é que “os maiores da espiritualidade” não conseguiram impedir o suplício do João de Bolés, imposto por seus elementos de mais confiança? Ademais, há controvérsias de historiadores sobre a identidade do último francês enforcado, se era ou não João de Bolés.

Na página 56, há uma discussão de certo modo grosseira e questionável sobre os papéis dos estados São Paulo, Rio de Janeiro e

Minas Gerais. O parágrafo se inicia com “Ninguém pode negar...”. Algo que não pode ser negado soa como postulação dogmática. Vejamos o texto:

p.56 *“Ninguém pode negar a hegemonia da intelectualidade carioca e fluminense desde os tempos em que a cidade de São Sebastião...”*

Obviamente, o Rio de Janeiro, sobretudo quando se tornou a capital federal, aglutinou grande massa crítica em termos de intelectualidade, mas quando o texto afirma “desde os tempos” acaba sugerindo que isso continuou ininterruptamente. Além disso, em que pese que São Paulo era bem menor do que o Rio de Janeiro, temos que considerar que Salvador, São Vicente e Recife também eram aglomerações muito importantes na época. Essa suposta “hegemonia” é, no mínimo, questionável, e, o que é pior, “Ninguém pode negar...”, constitui construção muito estranha em um livro supostamente espírita.

O parágrafo continua com uma análise *sui generis*....

p.56. *“...São Paulo e Minas de hoje foram as regiões escolhidas como as duas fontes poderosas que guardariam o potencial de energias orgânicas da terra, formando os primeiros índices da etnologia brasileira.*

Trata-se de um texto prolixo e sem conteúdo. O autor sugere que São Paulo e Minas servem, no Brasil, basicamente, para gerar comida e produtos agrícolas.

p.56 *“... Ambos (se referindo a São Paulo e Minas Gerais – impressão nossa) serão ainda, por muito tempo, as conchas da balança política e econômica da nacionalidade e os dinamos mais poderosos da sua produção. Obedecendo aos elevados propósitos do mundo oculto, ambos ficaram irmanados junto do cérebro do país, por indefectíveis disposições do determinismo geográfico, que os reúne para sempre”.*

A primeira parte da afirmativa não parece de todo errada, pois por muito tempo e mesmo atualmente, Minas Gerais e São Paulo exercem grande influência política e econômica no país. Quanto à *geração de comida* o agronegócio atual (2015) não mostra Minas Gerais ou São Paulo em posições absolutamente destacadas. Dentre outros, consideremos os Estados de Mato Grosso, Tocantins, Goiás, Paraná, Rio Grande do Sul. O texto afirma ainda que São Paulo e Minas

Gerais foram privilegiados por estarem geograficamente na vizinhança do “cérebro do país” que é o Rio de Janeiro. E o papel de São Paulo e Minas é só “produção” em relação ao centro “hegemônico da intelectualidade” brasileira, que é o Rio de Janeiro. Hoje em dia, o Rio de Janeiro não constitui de modo isolado ou destacado um centro de produção intelectual e científica do país, cabendo este papel mais ao estado de São Paulo, e lentamente outros estados também se destacam. Ocorre um erro de previsão do autor, o que denota que este não seja um Espírito de grande elevação.

Cabe uma anotação: O Rio “pensa” (questionamos respeitosamente essa “hegemonia intelectual” do Rio de Janeiro); São Paulo e Minas Gerais “geram comida e dinheiro”, mas os demais estados brasileiros parecem desprestigiados. O texto continua:

p.57 “...e, ainda agora, em 1932...vários outros gênios espirituais da terra brasileira se reuniam no Colégio de Piratininga, implorando a Jesus derramasse o doce bálsamo da sua humildade sobre o orgulho ferido dos valorosos piratininganos, e Ismael estende o seu lábaro de perdão e de concórdia sobre os movimentos fratricidas...!”

Portanto, os paulistas, a priori, estavam totalmente errados na chamada “Revolução Constitucionalista” de 1932. Nessa análise histórica, os paulistas aparecem como os únicos responsáveis pelos problemas do Brasil e do respectivo período porque eram “orgulhosos”. O Rio de Janeiro, mesmo sendo a sede de um governo instalado por golpe de estado e que durou cerca de 15 anos ininterruptos, aparentemente, não tinha nenhuma responsabilidade, assim como os demais estados. O texto não menciona instabilidade política ou a instalação de um governo ditatorial.

CAPÍTULO 7

OS NEGROS DO BRASIL

Vejamos o comentário sobre a cruz e a mudança de nome de nossa nação:

p.59-60 *“A esse tempo, a terra do Evangelho não é mais conhecida pelo nome suave de Santa Cruz. À força das expressões comuns, dos negociantes que vinham buscar as fartas provisões de pau-brasil, seu nome se prende agora ao privilégio das suas madeiras. Os missionários da colônia protestaram contra a inovação adotada, mas as falanges do Infinito sancionaram a novidade imposta pelo espírito geral, considerando as terríveis crueldades cometidas na Baía de Guanabara, em nome do mais caricioso dos símbolos. A sanção de Ismael à escolha da nova expressão objetivava resguardar a pátria do Cruzeiro dos perigos da Inquisição, que na Europa fomentava os mais hediondos movimentos em nome do Senhor”.*

O que a mudança de nome teria a ver com “resguardar a pátria do Cruzeiro dos perigos da Inquisição”? Só por causa do nome “Santa Cruz”? Além disso, todo o parágrafo está inundado de expressões católicas.

A página 64 inicia com o começo de um parágrafo em que o expositor pretende analisar o papel dos negros nas tarefas espirituais do Brasil. Alguns comentários, mais uma vez, causam estranhamento. Vejamos:

“Foi por isso que os negros do Brasil se incorporaram à raça nova, constituindo um dos baluartes da nacionalidade, em todos os tempos. Com as suas abnegações santificantes e os seus prantos abençoados, fizeram brotar as alvoradas do trabalho, depois das noites primitivas. Na Pátria do Evangelho têm eles sido estadistas, médicos, artistas, poetas e escritores, representando as personalidades mais eminentes. Em nenhuma outra parte do planeta alcançaram, ainda, a elevada e justa posição que lhes compete junto das outras raças do orbe, como acontece no Brasil, onde vivem nos ambientes da mais pura fraternidade...”.

Em primeiro lugar, que “raça nova” é essa que foi formada? Em princípio, nenhuma raça foi formada.

“...Em nenhuma outra parte do planeta alcançaram, ainda, a elevada e justa posição que lhes compete junto das outras raças do orbe...”

O Explicador afirma que em nenhum outro país os negros são tão considerados quanto no Brasil. Trata-se de afirmativa estranha e questionável, pois França, México, Estados Unidos, entre outros países, também apresentam boa presença de negros com representativo desempenho socioeconômico. De fato, antes dessa frase, o texto afirma “Na Pátria do Evangelho têm eles sido estadistas, médicos, artistas, poetas e escritores, representando as personalidades mais eminentes”, só que em vários países isso também ocorre. Mas o pior ainda é a última frase: “...onde vivem nos ambientes da mais pura fraternidade...”. Ora, se ainda hoje a comunidade negra brasileira reclama de significativo preconceito, afirmar, em livro publicado no ano de 1938, que os negros vivem “...nos ambientes da mais pura fraternidade...” é “dourar a pílula” excessivamente. O que o autor diria se lesse o livro hoje (2015) sabendo que os EUA têm um presidente negro?

Outra afirmativa questionável vem no mesmo parágrafo, logo a seguir:

p.64 “...É que o Senhor lhes assinalou o papel na formação da terra do Evangelho e foi por esse motivo que eles deram, desde o princípio de sua localização no país, os mais extraordinários exemplos de sacrifícios à raça branca...”

Será que o Senhor não assinalou papéis de destaque para os negros em outros países? E, temos que frisar, que os negros foram “escravizados”, ou seja, constrangidos aos sacrifícios. Portanto, trata-se de uma frase com sentido ambíguo.

Logo a seguir, outra colocação também muito questionável:

p.64 “...e foi por essa razão que a terra brasileira soube reconhecer-lhes as abnegações santificadas...”

Não entendemos essa passagem. Não conseguimos ver como a sociedade brasileira soube reconhecer as “abnegações” dos negros. Não houve nenhum fato especial na abolição da escravatura no Brasil que sugerisse algum tipo de reconhecimento.

CAPÍTULO 8

A INVASÃO HOLANDESA

p.69. “...Todas as demais nações, como o próprio Portugal, se encontram presas da cobiça, da inveja e da ambição. Os vícios de todas as identificam perfeitamente umas com as outras, e no povo lusitano temos de considerar a austera honradez aliada a grandes qualidades de valor e de sentimento, que o habilitam, conforme a vontade do Senhor, a povoar os vastos latifúndios que constituirão mais tarde o pouso abençoado da lição de Jesus...”.

O texto é prolixo e contraditório, pois se “todas as demais nações, como o próprio Portugal...” apresentam “...cobiça, inveja e ambição”, que são “vícios de todas”, identificando “perfeitamente umas com as outras” como podemos entender a subsequente frase “e no povo lusitano temos de considerar a austera honradez aliada a grandes qualidades de valor e de sentimento”. Perceba que o conectivo “e” não indica ideia contrária. Se o povo lusitano não se diferenciava dos demais em uma série de vícios morais, como poderia ter tais distinções éticas?! O texto é confuso. Além disso, a frase final também é vaga, pois quer dizer que essas pressupostas qualidades morais “...o habilitam, conforme a vontade do Senhor, a povoar os vastos latifúndios que constituirão mais tarde o pouso abençoado da lição de Jesus...”. Trata-se de algo muito subjetivo, vago. Parece um elogio vazio ao povo português. Poderiam falar a mesma coisa do povo espanhol justificando a colonização na América Hispânica, que por sinal é muito maior; ou falar do povo inglês e da América inglesa, que por sinal é muito mais desenvolvida socioeconomicamente; ou mesmo do povo francês e da América francesa, que deu origem a boa parte do Canadá, sem falar em parte dos EUA.

Além disso, aqui percebemos mais uma alusão a decisões de Jesus que não resistem à menor análise. É inadmissível que Jesus confiasse no povo lusitano para instalar a fraternidade entre o povo africano que viria para o Brasil, sem prever que “administraria” no Brasil a escravidão de africanos por quase 4 séculos. É aceitável que a

Espiritualidade tenha ajudado e inspirado os povos que colonizaram a América, mas isso não significa que ela tenha apoiado os abusos. Seria de se esperar que o livro falasse isso de modo mais claro e objetivo.

CAPÍTULO 9

A RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL

Nesse capítulo, há um diálogo também questionável entre Jesus e Helil. Vejamos alguns comentários de Jesus:

p.74 *“...No Brasil, onde lançamos os fundamentos da pátria do Evangelho, introduziram o tráfico de homens livres, forçando as falanges de Ismael a despender todos os esforços possíveis para que as ordens divinas não se subvertessem pelas iniquidades humanas. Em Lisboa, permitiram a entrada do terrível instituto da Inquisição, que comete no mundo todos os crimes em meu nome, que deveria ser, para todas as criaturas, um sinônimo de brandura e de amor”.*

Novamente Jesus afirma sobre o Brasil: *“...onde lançamos os fundamentos da pátria do Evangelho...”*. **É um comentário estranho, sobretudo quando o texto o coloca na “boca de Jesus”, pois todas as pátrias deveriam ser do “Evangelho”, sobretudo para Jesus. O curioso é que não são as “falanges de Jesus” que salvam o trabalho espiritual, mas as “falanges de Ismael”. E isso, supostamente, na boca de Jesus:** *“...forçando as falanges de Ismael a despender todos os esforços possíveis para que as ordens divinas não se subvertessem pelas iniquidades humanas...”*. **Quer dizer, o trabalho de Jesus foi salvo graças às falanges de Ismael. Jesus ainda afirma sobre Portugal:** *“...Em Lisboa, permitiram a entrada do terrível instituto da Inquisição, que comete no mundo todos os crimes em meu nome, que deveria ser, para todas as criaturas, um sinônimo de brandura e de amor”*. **O livro “Brasil, coração...” enunciou em capítulo anterior, que o povo português seria “o povo mais humilde do mundo”. Será que essa humildade coaduna com esse impacto inquisitorial? E onde estavam os missionários de Jesus, que segundo o livro “Brasil, coração...” seriam os jesuítas, que não lutaram para evitar que isso acontecesse? É claro que a “Companhia de Jesus”, conhecida como o “Exército de Jesus”, não era tão isenta de problemas assim, apesar do livro defender isso com veemência.**

Entre nós foram relevantes os serviços prestados pelos primeiros jesuítas (Nóbrega e Anchieta, dentre outros). Porém, é o próprio Espírito Emmanuel que consigna, em “A Caminho da Luz” [Emmanuel, 1972], no capítulo XX “Renascença do mundo” (no tópico “Ação do Jesuitismo”), o lado infeliz da “Companhia de Jesus”, de nefasta memória: predomínio, cupidez e ambição, que não poupava nem mesmo os padres sinceros.

CAPÍTULO 10

AS BANDEIRAS

p.83 “...As joias da mulher e das filhas são empregadas no seu arrojado empreendimento, arruinando-se a família inteira. Fernão Dias, porém, segue um roteiro luminoso. Por onde passa com as suas caravanas, florescem povoações asseadas e alegres. Seus pontos de contato com a terra paulista são os arraiais prósperos e fartos, que vai edificando nos caminhos desertos. As esmeraldas do seu sonho nunca foram encontradas, e as pedras verdes que entregou ao genro no instante da agonia, com única expressão da sua fortuna, representavam, decerto, o símbolo suave das esperanças do seu labor e das suas lágrimas na terra do Evangelho. Próximo do local onde mandara enforcar o filho, nas margens do Rio das Velhas, o seu espírito de lutador se desprende igualmente do corpo exausto, e quando, no íntimo do coração, implorava a misericórdia do Altíssimo para o delito, com que exorbitava de suas funções na Terra, a voz de Ismael falou-lhe do Infinito:

— Irmão, as quedas, com as suas experiências sombrias, constituirão os degraus do teu caminho para as mais gloriosas ascensões espirituais...!”.

A exaltação de Fernão Dias causa bastante estranheza, pois, ao contrário de um Bezerra de Menezes, por exemplo, ele não estava levando a família à ruína por amor a todos os irmãos e por uma prática incansável e imparável das caridades espiritual e material, mas, sim, para dar vazão ao sonho de encontrar pedras preciosas. Mas o mais questionável é que o seu “...roteiro luminoso”, incluiu mandar “enforcar o filho”, e, em um eufemismo absurdo, assassinar um filho é considerado pelo texto “...o delito, com que exorbitava de suas funções na Terra”. Então, o seu “roteiro luminoso” foi manchado por uma “leve” exorbitância de suas funções na Terra? Um assassino do próprio filho que arruinou toda a família por excessiva ambição? O texto causa a impressão de que uma pessoa ambiciosa, que cometera um crime grave, poderia estar agindo sob inspiração superior. Se o texto quisesse apenas ressaltar os benefícios que as caravanas de Fernão Dias trouxeram para algumas regiões, que

disse isso de modo mais direto, mais claro, mais de acordo com o caráter racional do Espiritismo.

Vejamos o comentário de Ismael, que tenta “justificar” o assassinato do filho e todos os erros de Fernão Dias:

“ __ Irmão, as quedas, com as suas experiências sombrias, constituirão os degraus do teu caminho para as mais gloriosas ascensões espirituais...!”.

E para encerrar o capítulo 10, Fernão Dias começa a desfrutar das “merecidas verdadeiras esmeraldas do seu grande sonho”. Vejamos:

p.84 “Fernão Dias Paes abre os olhos materiais pela última vez. Uma lágrima pesada e branca lhe corre pelas faces emagrecidas; mas, sobre o seu coração, paira a benção cariciosa da terra dourada das minas, e, sentindo-se na posse das verdadeiras esmeraldas do seu grande sonho, o notável batalhador regressa de novo à vida do Infinito”.

Ou seja, o texto reserva uma vitória espiritual para um homem que, por ambição, arruinou a família e, ainda por cima, assassinou o filho. Segundo Garcia (2014), os sertanistas, entre eles Fernão Dias, praticavam atos violentos, escravizava e matava índios (GARCIA, 2014).

Não há a menor possibilidade de outra leitura para esse texto, a não ser a de que é de uma pobreza intelectual imperdoável, pois a aceitarmos tantos crimes cometidos, como que o agente recebe afagos de um Espírito iluminado e ainda por cima “regressa de novo à vida do infinito”?

CAPÍTULO 11

OS MOVIMENTOS NATIVISTAS

Novamente, o texto faz apologia ao “jesuitismo”. Vejamos:

p.86 *“A esse tempo, no extremo norte convulsiona-se o Maranhão, sob os ímpetus revolucionários de Manoel Beckman, contra a Companhia do Comércio, que monopolizara os negócios da importação e exportação da capitania, e contra os jesuítas, cujo espírito de fraternidade se interpunha entre colonizadores e os índios...”*

Vejamos na p.87, outro texto estranho:

p.87 *“...As providências da contra-revolução no extremo norte são adotadas sem dificuldade. Gomes Freire procede com magnanimidade com os revoltosos, sem, contudo, poder agir com a mesma liberalidade para com Manoel Beckman, que foi preso e sentenciado à morte. Sua fortuna teve-a ele confiscada, mas o grande oficial que comandara expedição, dentro das tradições da generosidade portuguesa, arrematou todos os bens do infeliz, em hasta pública, e os doou à viúva e aos órfãos do revolucionário”.*

É interessante perceber a noção de “tradições da generosidade portuguesa” e “magnanimidade”, que o texto exalta, as quais, aparentemente, incluem “matar o semelhante”. O texto, porém, não explica o motivo da afirmativa: “...sem, contudo, poder agir com a mesma liberalidade para com Manoel Beckman”. Por que ele não pôde? E o parágrafo termina exaltando a “generosidade” do “grande oficial” ao afirmar que ele “...arrematou todos os bens do infeliz, em hasta pública, e os doou à viúva e aos órfãos do revolucionário”. Deixou a viúva e os órfãos ficarem os bens que já eram deles mesmos. Manoel Beckman era um senhor de engenho do Maranhão que, em 1684, junto com seu irmão, e com o apoio de comerciantes locais, saqueou a Companhia do Comércio do Maranhão. Esta companhia, instituída pela coroa portuguesa, causava insatisfação na comunidade, pois cobrava preços abusivos por seus produtos e pagava pouco pelos produtos fornecidos pelos proprietários rurais. Beckman e outros revoltosos foram condenados à força. Segundo a fonte consultada, “As

ações da coroa portuguesa, que claramente favoreciam Portugal e prejudicava os interesses dos brasileiros, foram, muitas vezes, motivos de reações violentas dos colonos. Geralmente eram reprimidas com violência, pois a coroa não abria mão da ordem e obediência em sua principal colônia” (CARLOS, 2015).

CAPÍTULO 12

NO TEMPO DOS VICE-REIS

Na página 92, novamente, comenta-se, desnecessariamente, atitudes supostamente “superiores” dos padres, no caso a oração, exaltando suas qualidades

p.92 “...e os padres podem rezar beatificamente, nos seus breviários, entre as paredes coloniais do Convento de Santo Antônio”.

Também é importante salientar que, sempre que possível, o máximo de valorização e detalhamento sobre atividades triviais da vida católica são enfatizadas no livro.

Analisemos a página 94:

P.94. “*Ismael com as suas hostes do mundo invisível, consegue harmonizar lentamente os interesses espirituais de quantos se haviam estabelecido na pátria do Cruzeiro. Sob sua inspiração, a Igreja torna-se a protetora da mentalidade infantil daquela época. Os templos da colônia abrem as portas para todos os infelizes e para todos os tristes. Os reinóis organizam festanças periódicas, missas e procissões da fé...*”

Por que não se referir ao mediunismo oculto dos escravos no interior das senzalas? Segundo os historiadores, os escravos (bantos, sudaneses, nagôs e iorubanos) que mais tempo conviveram com seus senhores, à força assistiam e participavam dos cultos católicos.

Mas, tal obediência era por obrigação, não professavam aquela crença por devoção, já que na intimidade da senzala, às ocultas, é que extravasavam sua fé... E ali, o mediunismo, entre eles, era um antigo e singelo exercício espiritual aprendido e praticado desde os tempos da terra-mãe, agora lhes aliviando a cruel realidade — a escravidão. Por acomodação parcial, a pouco e pouco os rituais, sacramentos, paramentos, imagens, altares, etc., do catolicismo, foram agregados ao seu culto, porém sob roupagem própria, adequada, isto é, africana.

Essa, a origem do chamado Brasil-candomblé.

Analisemos o parágrafo seguinte:

p.94. *“Sob as vistas condescendentes da Igreja, os mensageiros do Espaço se fazem sentir mais fortemente junto dos senhores, amenizando a situação amargurada dos míseros cativos...”*

Mais à frente:

p.95 *“A Igreja, no Brasil, abre o seu culto a São Benedito e a Nossa Senhora do Rosário tornando-se um refúgio de doce consolação para os pobres africanos. As ordens religiosas possuíam seus pretos, que eram bem tratados e jamais poderiam ser vendidos.”*

A Igreja tinha um papel de forte influência no estado brasileiro nos quase quatro séculos de escravidão que o Brasil tristemente manteve. Afirmar que a “Igreja” era um refúgio de doce consolação para os pobres africanos”, é algo muitíssimo questionável. Além disso, o texto afirma “As ordens religiosas possuíam seus pretos, que eram bem tratados e jamais poderiam ser vendidos”. Ora, se jamais podiam ser vendidos, a Igreja estava fomentando a escravidão. E, além disso, “possuíam seus pretos”, trata-se de construção, que denota um certo desrespeito aos negros. Para concluir, a expressão “jamais poderiam ser vendidos”, demonstra que a Igreja os mantinha como escravos mesmo! Porque não os mantinha como libertos, fornecendo-lhes carta de alforria e contratando seus serviços de forma remunerada. Os padres e bispos não faziam isso e, o que é pior, são tratados pelo texto por meio de uma promoção exagerada e sistemática, que nem sempre é encontrada em muitos textos de autores católicos. Voltamos a perguntar: – Por que não se referir ao mediunismo oculto dos escravos no interior das senzalas?

Segundo o historiador Vasconcelos (2005), a igreja foi conivente com a escravidão negra no Brasil, agindo como suporte ideológico da escravidão. Estava interessada apenas com a catequização em massa, não se interessando pela sorte dos negros.

p.95 *“...A filantropia dos brasileiros cedo começou o movimento abolicionista, e a prova da profunda assistência espiritual que acompanhava essas ações da Pátria do Evangelho é que nunca teve o Brasil um código negro, à maneira da França e da Inglaterra”*

O texto está sempre oscilante entre a exaltação da Igreja Católica, e sua suposta altíssima proteção espiritual e seus supostos elevados valores espirituais e o discurso ufanista a respeito do Brasil. A suposta “*prova da profunda assistência espiritual*” chega a ser um comentário até “irônico”, considerando o que os negros sofreram por quase quatro séculos seguidos de escravidão, com repercussões em termos de preconceito até hoje. Se o Brasil tinha tamanha proteção e se a nossa “escravidão foi tão abençoada assim”, porque o Brasil tem a VERGONHA HISTÓRICA de ser um dos últimos países a abolirem a escravidão?

São reflexões elaboradas por autores espíritas, questionando um livro publicado como obra espírita, e dos mais vendidos, famosos e considerados “admiráveis” do século XX. Ou muitos confrades compraram e não leram, o que é natural, considerando o grande volume de livros que todos os Espíritas militantes têm para ler. Ou leram e não entenderam muita coisa. Ou leram e viram os erros e, nesse caso, ignoram e/ou minimizam os erros. Acreditamos que não emitir opinião crítica negativa a respeito de um livro é uma postura digna de respeito, mas ler, ver os problemas e sair elogiando a obra, já é atitude totalmente reprochável. Pelo menos, por tudo o que aprendemos com Allan Kardec, na busca da Fé raciocinada.

CAPÍTULO 13

POMBAL E OS JESUÍTAS

Neste capítulo, os jesuítas são chamados de “missionários”; “humildes” e pertencentes à “célebre” ordem, sempre no intuito de valorizá-los, caracterizando a utilização de elogios exagerados e repetitivos, muitas vezes sem respaldo nos fatos, o que acontece em todo o livro, como os leitores podem observar nos diversos capítulos. Vejamos, portanto, o seguinte capítulo, presente na página 98:

p.98 “Os missionários humildes da célebre Companhia, radicados no Brasil, diga-se em honra da verdade, estavam muito longe das criminosas disputas em que se empenhavam seus irmãos no outro lado do Atlântico; mas sofreram com eles a incessante perseguição, tão logo se apossou do governo o famoso Ministro”.

O interessante é que essa adjetivação excessiva é focada em primeiro lugar no catolicismo e nos padres católicos, sobretudo nos jesuítas, e, em segundo lugar, em um “ufanismo” luso-brasileiro. De fato, no segundo parágrafo subsequente a esse último citado, referente à página 98, portanto na página 99, o texto refere-se ao Marquês de Pombal (figura importantíssima na História luso-brasileira), sem nenhum tipo de adjetivo ou elogio. Vejamos:

p.99 “Pombal aproveita o ensejo que se lhe oferece para justificar a expulsão dos jesuítas, apontando-os como autores indiretos do atentado e D. José I, a instâncias do seu valido, assina sem hesitar o decreto de banimento”.

Agora, prestemos atenção na confissão que o texto faz sobre a atitude dos padres frente à escravidão para avaliarmos se eles mereciam todos os elogios registrados, sobretudo aqueles referentes às suas atitudes com relação aos escravos. Por outro lado, quando não dá para elogiar toda a Igreja, pelo menos os jesuítas são elogiados.

p.99 “... O clero comum possuía escravos numerosos e chegava a defender o suposto direito dos escravagistas, incentivando a caça aos índios e abençoando a carga misérrima dos navios negreiros. Os jesuítas,

porém, sempre trabalharam, no início da organização brasileira, dentro dos mais amplos sentimentos de humanidade.”

Esta informação contradiz aquela do capítulo 12, p. 95, que pretendia dizer que a igreja não apoiava a escravidão, ou que tentava amenizá-la.

Na página seguinte (p.100), o Marquês de Pombal, conhecido inimigo dos jesuítas é, agora sim, adjetivado mui negativamente. Por outro lado, os jesuítas são elogiados novamente. Vejamos a passagem da página 100:

p.100 “A esse tempo, observando a anulação dos seus esforços, os missionários humildes da cruz procuraram Ismael com instantes apelos. Seus trabalhos eram abandonados, por força das determinações do Ministro arbitrário”.

Portanto, o texto, de forma incansável, elogia os jesuítas considerando-os “os missionários humildes da cruz”, criticando o Marquês de Pombal, por ser claramente antijesuíta, chamando-o de “Ministro arbitrário”. O curioso é que mesmo entre muitos católicos praticantes, conhecedores das diferentes ordens da Igreja Católica Apostólica Romana, os jesuítas não gozam de tanto prestígio assim.

Resta perguntar aos Espíritas Militantes, muitos com cargos e encargos de liderança no Movimento Espírita, qual é o objetivo de fazer uma divulgação, com profunda apologia a essa obra. Alguns poderiam afirmar tratar-se de respeito a Chico Xavier e Humberto de Campos, o que, para nós não se trata de justificativa de nenhuma forma plausível. As demais obras de ambos (Chico Xavier e Humberto de Campos), não apresentam, de forma nenhuma, tamanho número de colocações tão “estranhas” espiriticamente falando e a maioria delas, sobretudo as de Humberto de Campos, não recebe nem ínfima parcela de divulgação quando comparada à divulgação de “Brasil, Coração do Mundo e Pátria do Evangelho”. De fato, até cursos de “Ensino à distância” (EaD) têm sido promovidos para divulgar tal obra por instituição que lidera o Movimento Espírita Brasileiro.

Sem ter a vaidosa e infantil pretensão de que esse pequeno trabalho esgote a questão e que esteja isento de eventuais equívocos, cabe uma pergunta muito objetiva: As várias questionáveis colocações presentes no livro “Brasil, coração...”, em quase todos os capítulos, registradas no presente artigo, seriam, todas elas, equívocos de interpretação? Ainda não chegamos à metade do livro, e podemos perguntar a nós mesmos: as supracitadas passagens não são suficientes para, ao menos, questionarmos, respeitosa, porém seriamente, essa obra? Será que, em uma busca consciente em direção à pureza e à coerência doutrinárias, tal obra é aprovada segundo os critérios de Erasto e Kardec? E, o que é pior, é minimamente explicável e/ou justificável ser “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, uma das obras mais divulgadas do Movimento Espírita Brasileiro?

CAPÍTULO 14

A INCONFIDÊNCIA MINEIRA

Na página 107, a questionável e demasiadamente adjetivada saga continua narrando o recebimento no mundo espiritual de Tiradentes por parte do Espírito Ismael:

p.107 “...Mas, nesse momento, Ismael recebia em seus braços carinhosos e fraternais a alma edificada do mártir.

-- Irmão querido – exclama ele ---, resgatas hoje os delitos cruéis que cometeste quando te ocupavas do nefando mister de inquisidor, nos tempos passados”.

Em primeiro lugar, de forma já um pouco cansativa, o texto reforça o “valor de Ismael”, enfatizando “seus braços carinhosos e fraternais”. Além disso, por mais que Tiradentes tenha tido uma atitude heroica no julgamento dos inconfidentes, se ele, conforme o texto assevera, se ocupava “do nefando mister de inquisidor, nos tempos passados”, sendo que a Inquisição foi processo histórico que começou no segundo milênio, será que podemos aceitar como correta a afirmação “a alma edificada do mártir”? Em que pese que a Inconfidência Mineira tinha significativo nível de idealismo, não seríamos ingênuos de admitir que somente o idealismo superior motivava os inconfidentes. Se Tiradentes realmente se ocupava, como o texto afirma, “do nefando mister de inquisidor, nos tempos passados”, sendo que esses tempos não eram tão antigos assim, pensando no processo de evolução espiritual como um todo (o qual, mui frequentemente, requer várias reencarnações para uma transformação substancial do Espírito que se encontra em plano de provas e expiações), será que o “mártir” já era uma “alma edificada”? O texto em questão não responde a essa questão, como não responde a várias outras, pois é pobre doutrinariamente. Realmente, não esclarece suas muito questionáveis afirmativas, as quais são estabelecidas e repetidas à exaustão como verdades praticamente inquestionáveis.

Para dizer o mínimo, causa espanto um Espírito protetor dizer a um Espírito recém-chegado ao Plano Espiritual — depois de morte

bárbara — que ele foi inquisidor... Tiradentes evoluiu tanto assim, de um tempo ao outro, para ter suporte de receber tão gravosa notícia, com o agravante de estar sob natural perturbação gerada por tal processo de desencarnação?

Na página 107, o texto registra a famosa atuação de D. Maria I concernente aos inconfidentes:

p.107 “...*D. Maria I havia comutado anteriormente as penas de morte em perpétuo degredo nas desoladas regiões africanas, com exceção do Tiradentes, que teria de morrer na forca, conservando-se o cadáver insepulto e esquartejado, como exemplo para quantos urdissem novas traições à coroa portuguesa*”.

A essa altura do texto, o ufanismo luso-brasileiro de “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho” começa a ficar contraditório, pois, com o crescimento do desejo de emancipação do Brasil, os interesses do povo brasileiro passam a divergir fortemente em relação às aspirações do povo português e de sua corte. A triste decisão de D. Maria I definir as penas de “*perpétuo degredo nas desoladas regiões africanas*” para a grande maioria do grupo de inconfidentes e, principalmente, a condenação de Tiradentes “*que teria de morrer na forca, conservando-se o cadáver insepulto e esquartejado, como exemplo para quantos urdissem novas traições à coroa portuguesa*” ilustram muito bem essa situação. Vale lembrar que manter o “cadáver insepulto e esquartejado” nessa época era uma atitude profundamente cruel, em função da cultura religiosa da época.

Então, Tiradentes “...*teria de morrer na forca, conservando-se o cadáver insepulto e esquartejado, como exemplo para quantos urdissem novas traições à coroa portuguesa*”. De fato, D. Maria I, por essa e outras, foi adjetivada D. Maria “Louca”, mas o texto em um processo um tanto quanto paradoxal de tentar exaltar tanto os portugueses como os brasileiros, mesmo que ambos os grupos já estivessem à essa altura dos acontecimentos em lados totalmente opostos, ainda se arrisca a caracterizar D. Maria I (de forma muito questionável...), logo na página seguinte (p.108), de “...*a piedosa rainha portuguesa*...”. Observemos o texto:

p.108 “...a piedosa rainha portuguesa enlouquecia, ferida de morte na sua consciência pelos remorsos pungentes que a dilaceravam...”. **Podemos até admitir o “remorso”, mas “piedosa”? Será que as famílias e amigos de Tiradentes, além de todos os inconfidentes condenados à “perpétuo degredo”, concordariam com essa caracterização?**

CAPÍTULO 15

A REVOLUÇÃO FRANCESA

Nesse capítulo, fora o jargão católico que permeia todo o livro, não há maiores pontos de destaque para a leitura de um Espírita militante. Todavia, acreditamos válido um registro:

p.113. *“...Até que a fraternidade deixe de ser uma figura mitológica no coração das criaturas humanas, até que sejam extintas as vaidades patrióticas, para que prevaleçam um só rebanho e um só pastor, que é Jesus Cristo, os seres das sombras terão o poder de arrastar o homem da Terra às lutas fratricidas. Mas ai daqueles que fomentarem semelhantes delitos. Para as suas almas, a noite dos séculos é mais sombria e mais dolorosa...”*

O texto continua repleto de contradições em linguagem católica e prolixa. Vejamos esse trecho em que o texto critica o fato da “fraternidade” ser uma “figura mitológica”. Até aí tudo bem, porque, como diria o professor Herculano Pires, precisamos combater o mito e a fase mitológica que ainda perturba nosso pensamento religioso. O que é irônico, é que todo o livro “Brasil coração...” é marcado por linguagem típica da mitologia católica, retrocesso inadmissível para aqueles que já receberam a luz da Terceira Revelação.

Não satisfeito, o texto, poucas palavras depois, cai em outra contradição afirmando “...até que sejam extintas as vaidades patrióticas, para que prevaleçam um só rebanho e um só pastor, que é Jesus Cristo”. Ora, será que o livro “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho” não exalta uma espécie de “vaidade patriótica”? O comportamento de muitos confrades (alguns, inclusive, que nem leram a obra com maior atenção, mas adoram seu título) denota isso. Título, inclusive, que, segundo Divaldo Franco (vide (“)Divaldo Franco Responde – Mediunidade/ Centro Espírita “Nosso Lar” – “Casas André Luiz”, 1999), gera um certo ciúme/ressentimento de nossos confrades de outros países, sobretudo da América Latina. Ora, admitindo-se que “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho” não deixa de ser um título e uma obra

que abrange significativa “ vaidade patriótica”, o referido livro estaria trabalhando contra Jesus, pois, em conformidade com o próprio texto, exaltando “ *as vaidades patrióticas*”, seriam acentuadas as dificuldades “...*para que prevaleçam um só rebanho e um só pastor, que é Jesus Cristo*”. De fato, segundo o texto, “...*até que sejam extintas as vaidades patrióticas...*” esse único rebanho de Jesus não se estabelecerá. Se essa afirmativa do próprio livro “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho” estiver correta, então, infelizmente, temos que convir que é muito questionável se essa obra, estimulando a acentuação das “vaidades patrióticas” brasileiras, constitui contribuição ou empecilho à implantação do “Reino dos Céus na Terra”, quando haverá “*um só rebanho e um só pastor, que é Jesus Cristo*”.

Para concluir esse muito complicado trecho, ainda são registradas as assustadoras ameaças: “*Mas ai daqueles que fomentarem semelhantes delitos. Para as suas almas, a noite dos séculos é mais sombria e mais dolorosa...*”. Além de ser uma linguagem típica de “falas de bruxas em contos infantis”, tal postura fomentadora de medo já foi por várias vezes rejeitada por André Luiz e Emmanuel. Só para ilustrar, lembremos o desastre aéreo do final da obra “Ação e Reação” [Luiz, 2013], em que o Mentor de André Luiz recomenda que todo o esforço de André Luiz, na elaboração de material didático para os encarnados, deve ser direcionando em estimular o bem e não em gerar medo do sofrimento, da dor e da expiação. Dessa forma, ele não permite que André Luiz visite o local do acidente aéreo. Bom, aparentemente, o autor do comentário supracitado não teve esse cuidado.

Se a obra “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho” não existisse, e nós, espíritas militantes, comprometidos com a coerência e a qualidade doutrinárias, estivéssemos na condição de revisores/analísadores editoriais de uma editora espírita, não aceitaríamos a publicação de uma obra com o conjunto de discussões no mínimo questionáveis que esse livro apresenta.

CAPÍTULO 16

D. JOÃO VI NO BRASIL

Logo no primeiro parágrafo do capítulo 16, o texto afirma:

p.119 *“Enquanto as falanges espirituais de Henrique de Sagres se reuniam em Portugal, revigorando as forças lusitanas para a escola de energia, que foi a guerra peninsular, o exército de Ismael voltava-se para o Brasil, a fim de inspirar o primeiro soberano do Velho Mundo que pisava as terras americanas”.*

Cabe uma pergunta muito direta: Afinal, quem é Ismael? Questionamos isso, pois consideramos muito estranho o texto afirmar “o exército de Ismael voltava-se para o Brasil”! Ora, ele não é o mentor do Brasil? E, agora, volta-se ao Brasil? Onde ele estava então, até este momento? O sentido mais profundo ou, pelo menos, um contexto mínimo a respeito da afirmativa “o exército de Ismael voltava-se para o Brasil” deveria ter sido explicado no texto. Vale lembrar que logo no capítulo primeiro do livro fica claro que Hilel seria o mentor de Portugal, o qual teria reencarnado na crosta com o nome de Henrique de Sagres (registrado na página 20 do capítulo primeiro “...o heróico Infante de Sagres...”).

Vejamos o segundo parágrafo do referido capítulo, ainda na mesma página 117:

p.117 *“A esses esclarecidos agrupamentos do mundo invisível, aliava-se agora a personalidade do Tiradentes, que se transformara em gênio inspirador de todos os brasileiros...”.*

No capítulo referente à Inconfidência mineira, já tivemos uma surpresa ao ler que Tiradentes morreu enforcado, tendo seu corpo sido esquartejado e mantido insepulto, devido a nefandos crimes cometidos como inquisidor, o que não impediu que se tornasse, logo após sua morte, uma alma redimida (vide comentário de Ismael no início da página 108, no fim do capítulo 14: “Redimiste o pretérito obscuro e criminoso com as lágrimas do teu sacrifício em favor da Pátria do Evangelho de Jesus”). Nosso estranhamento aumentou neste capítulo ao notarmos que Tiradentes se “...transformara em gênio

inspirador de todos os brasileiros...”. Portanto, ele transformou-se em Mentor de todos os brasileiros. Apesar de Tiradentes ter sido um homem de valor, e realmente importante na História Brasileira, tornar-se mentor de todos os brasileiros é questionável. Então, digamos, ele estaria “ombro a ombro” com Emmanuel, por exemplo? Seria um avanço extremamente rápido para alguém que foi inquisidor no segundo milênio. Logo, trata-se de mais um comentário duvidoso.

Só para enriquecer nossa discussão, historiadores já demonstraram que muito do que os republicanos “criaram” em torno de Tiradentes foi exagerado, tendo sido feito para “gerar” um herói nacional e, por consequência, fomentar a identidade nacional, aumentando o sentimento patriótico e também diminuindo, pelo menos um pouco, a influência do período do império na História e no sentimento nacional.

p.118 *“Sobre os nossos esforços há de pairar a direção do Senhor, que se desvela amorosamente pelo cultivo da árvore sagrada dos ensinamentos, transplantada da Palestina para o coração do Brasil”.*

O livro “Brasil, coração...” é tratado como uma obra espírita. Sendo assim não seria o caso da árvore ter sido transplantada da França para o Brasil em vez de ter saído “da Palestina para o coração do Brasil?” Portanto, não é observada menção alguma ao Mestre Lionês e ao “Espírito de Verdade”. Em se tratando especificamente da “direção do Senhor” e da “árvore sagrada dos ensinamentos” do Senhor, não seria conveniente e até imprescindível frisar a obra obtida, publicada e divulgada na França por Allan Kardec que é “O Evangelho Segundo o Espiritismo”?

Quando Jesus afirmou que enviaria “O Consolador” para lembrar tudo aquilo que ele dissera e exemplificara, sobre acrescentar outras lições, patenteia-se a sublime visão prospectiva do Divino Amigo, sabedor de que o tempo tenderia a diluir os registros de sua abençoada missão. Para os espíritas não há duvidar de que Allan Kardec, ao codificar a Doutrina dos Espíritos, missionariamente materializou o que Jesus prometera. Restou configurar, ademais, que a Codificação aportou na Terra de parelha com exemplar conduta de

médiuns, absolutamente desinteressados de honrarias, agindo com humildade, seriedade, compromisso e amor à verdade.

p.118 *“O Rio de Janeiro...Grandes instituições se fundam na cidade da mais maravilhosa baía do mundo...”*.

Sem dúvida, a baía da Guanabara constitui um local muito belo. Todavia, frisá-la como a “... mais maravilhosa baía do mundo...”, trata-se de observação extremamente subjetiva, ufanista e boba. Vale lembrar que segundo esse mesmo livro “Brasil, coração...”, promover “vaidades patrióticas” atrapalha o trabalho de implantação do Reino dos Céus na Terra (dificulta a geração de “um só rebanho para um só pastor, Jesus Cristo”).

CAPÍTULO 17

PRIMÓRDIOS DA EMANCIPAÇÃO

Na página 125, há uma confissão que demonstra, mais uma vez, como o texto é contraditório. Trata-se de comentário sobre D. Maria I (historicamente conhecida como D. Maria I, “A Louca”), que foi chamada de “Piedosa” em capítulo anterior desse livro:

p.125 *“...Por muito tempo, contudo, estive apegada às ilusões do seu trono, perseguida pelo vozerio das entidades desencarnadas em virtude de rigorosas sentenças de morte, por insinuação dos seus confessores e dos seus ministros”.*

Ora, se ela, D. Maria I, era tão piedosa, como teria problemas conscienciais em função de “rigorosas sentenças de morte”? Nesse caso, melhor seria chamá-la de “Impiedosa”! E, a propósito, “...por insinuação dos seus confessores...”, significa que os padres, tão elogiados nesse livro, estavam ajudando a mandar matar?

p.126 *“exacerbados os antigos ódios entre brasileiros e portugueses, que já haviam levado Recife e Olinda à guerra fratricida...”.*

Antigos ódios entre brasileiros e portugueses? Mas e o ambiente de “fraternidade” que incluía até os negros escravos? Bom, fica a reflexão para os leitores, até porque o texto não explica muito suas postulações.

CAPÍTULO 18

NO LIMIAR DA INDEPENDÊNCIA

p.131 *“É então que a personalidade espiritual daquele que fora Tiradentes procura o mensageiro de Jesus, solicitando-lhe o conselho esclarecido quanto à solução do problema da independência:*

-- Anjo amigo – inquire ele – não será agora o instante decisivo para nossa atuação?”

Além de Tiradentes ter se tornado uma das maiores lideranças espirituais do Brasil, apesar de ter praticado no mesmo segundo milênio “nefandos crimes como inquisidor”, conforme o próprio texto de “Brasil, coração...” afirmou em capítulo anterior, ele parece resgatar, já no mundo espiritual (cujos esclarecimentos deveriam retirá-lo do mito, do místico e do mágico, levando-o a uma fé mais raciocinada e libertadora, conforme ensina Herculano Pires e todos os autores espíritas minimamente lúcidos!), a linguagem dos católicos fanáticos e menos esclarecidos.

p.133 *“As agitações, porém, se avolumam em movimentos espantosos, empolgando a nação inteira. Debalde Portugal procurava reprimir a ideia da independência, que se firmara em todos os corações”.*

A afirmação só passa a ser questionável se lembrarmos que, segundo o próprio texto, trata-se da “nação mais humilde do Europa” (p.20 “...A nação mais humilde da Europa”). Com tanta humildade assim, depois de mais de três séculos de “colonização de exploração”, seria de se esperar que aceitassem com um pouco mais de naturalidade o desejo de emancipação de um país muito maior, mais populoso e distante territorialmente.

CAPÍTULO 19

A INDEPENDÊNCIA

Nesse capítulo, novamente é reforçado que Tiradentes tornou-se um grande mentor do Brasil e, além disso, concomitantemente, um mentor de D. Pedro. Vejamos o que Ismael (p.139 “...que deixa irradiar a luz misericordiosa do seu coração...”), fala para Tiradentes:

p.139-140 “...Dirigindo-se ao Tiradentes, que se encontrava presente, rematou:

-- *O nosso irmão, martirizado há alguns anos pela grande causa, acompanhará D. Pedro em seu regresso ao Rio e, ainda na terra generosa de São Paulo, auxiliará o seu coração no grito supremo da liberdade. Uniremos assim, mais uma vez, as duas grandes oficinas do progresso da pátria, para que sejam as registradoras do inesquecível acontecimento nos fastos da História. O grito da emancipação partiu das montanhas e deverá encontrar aqui o seu eco realizador. Agora, todos nós que aqui nos reunimos, no sagrado Colégio de Piratininga, elevemos a Deus o nosso coração em prece, pelo bem do Brasil.*

Em primeiro lugar, em capítulo anterior, foi dito que a intelectualidade do Brasil era indiscutivelmente pertencente ao Rio de Janeiro, sendo que Minas e São Paulo gerariam uma espécie de “energia orgânica”. Agora o texto cai em contradição fazendo uma nova classificação e excluindo Minas (“...Uniremos assim, mais uma vez, as duas grandes oficinas do progresso da pátria, para que sejam as registradoras do inesquecível acontecimento nos fastos da História...”).

Vejamos o antepenúltimo parágrafo do capítulo 19:

p. 140. “...Tiradentes acompanhou o Príncipe nos seus dias faustosos, de volta ao Rio de Janeiro. Um correio providencial leva ao conhecimento de D. Pedro as novas imposições das cortes de Lisboa e ali mesmo, nas margens do Ipiranga, quando ninguém contava com essa última declaração sua, ele deixa escapar o grito de “Independência ou Morte!”, sem suspeitar de que era dócil instrumento de um emissário invisível, que velava pela grandeza da pátria”.

Primeiramente, há questionamentos históricos sobre como se deu o episódio clímax para a nossa independência. De qualquer maneira, admitindo-se que tenha sido conforme o texto assevera, se Dom Pedro “...deixa escapar o grito de “Independência ou Morte!”, sem suspeitar de que era dócil instrumento de um emissário invisível, que velava pela grandeza da pátria”, fica uma questão um tanto complexa: se Tiradentes já era um grande mentor (o que já foi questionado em nossos capítulos anteriores, mas é enfatizado em vários capítulos do livro “Brasil, coração...”) e estava recebendo orientações diretamente de Ismael, supostamente mentor do Brasil e enviado de nosso Mestre Jesus, como é que ele inspirou Dom Pedro a gritar “Independência ou Morte!”?!

Tal grito não denota um arroubo de raiva. Um mentor, guiado pelo suposto guia maior do Brasil, que, por sua vez, também supostamente, é guiado diretamente por Jesus, não teria que sugerir (lembrando que, segundo o texto, D. Pedro era um “...dócil instrumento...” para Tiradentes!) um grito como: “Independência e viva o povo brasileiro!” ou “Independência e liberdade para o povo brasileiro!” ou algo como o lema da Revolução Francesa: “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”?! “Independência ou Morte” foi o grito inspirado de forma intensa e com grande “sintonia espiritual” por mentores tão nobres espiritualmente?

O texto, como o leitor pode perceber, é confuso, prolixo, cheio de problemas, sem apresentar nenhuma solidez doutrinária e qualquer contribuição a uma edificação da nossa fé raciocinada.

CAPÍTULO 20

D. PEDRO II

O capítulo 20 inicia-se na página 141 com a seguinte explicação:

Pág. 141 “...*Definitivamente proclamada a independência do Brasil, Ismael leva ao Divino Mestre o relato de todas as conquistas verificadas...*”.

Fica evidente, mais uma vez, a suposta grande intimidade de Ismael com Jesus, pelo menos segundo o livro “Brasil, coração...”. Sem implicações, só raciocinando: seria preciso que alguém informasse a Jesus o que acontecia no Brasil?

Com relação a profusão de comentários reverenciosos a igreja católica e aos padres, que permeiam todo o livro, vale a sugestão de releitura da obra “Emmanuel” [Emmanuel, 1970], na qual o mentor espiritual, que foi um padre jesuíta (Padre Manoel da Nóbrega), critica duramente os padres e a igreja (vide, por exemplo, o capítulo 8 “Confissão Auricular”), dizendo-se tranquilo para fazer isso porque ele mesmo foi padre! Detalhe: a obra é de 1937, portanto, publicada aproximadamente na mesma época de “Brasil, coração...” (“Emmanuel” é de 1937 e “Brasil, coração...” é de 1938).

Ademais, nessa época da publicação de “Brasil, coração...”, um grande espírita brasileiro ainda estava encarnado. Seu nome: Cairbar Schutel. E Cairbar tem opinião muito diferente sobre a Igreja Católica, o que fica explícito nos seus livros. De fato, Cairbar era um duríssimo crítico da Igreja! Ou seja, não se trata de uma questão de contexto histórico, momento de evolução do pensamento religioso. Não é isso. De fato, naquele momento, já não era necessária tamanha exaltação católica em um livro espírita.

Alguns podem alegar que Cairbar tinha uma personalidade “mais combativa”, enquanto autor espírita, e que a missão de Chico contemplava outra abordagem. Se formos considerar tal hipótese, percebemos que ela não resiste quando fizermos uma comparação com a acima mencionada obra “Emmanuel”, que também é da

mediunidade de Chico Xavier, pelo mentor espiritual propriamente dito de Chico Xavier e de todo o trabalho por intermédio da mediunidade xavierina. E que por sinal, prefacia a obra “Brasil, coração...”.

Não criticar a Igreja é uma coisa. Promovê-la exaustivamente é outra completamente diferente!

Na página 143, Longinus, centurião romano que participou da crucificação de Jesus afirma no texto:

“...não pude entender ao pé da cruz dos vossos martírios no Calvário, em razão dos espinhos da vaidade e da impenitência, que sufocavam, naquele tempo, a minha alma...”

Longinus é escalado para uma importantíssima missão por Nosso Mestre Jesus de Nazaré:

p.143-144 *“...—Pois bem – redarguiu Jesus com grande piedade --, essa missão, se for bem cumprida por ti, constituirá a tua última romagem pelo planeta escuro da dor e do esquecimento. A tua tarefa será daquelas que requerem o máximo de renúncias e devotamentos. Serás imperador do Brasil, até que ele atinja a sua perfeita maioridade, como nação. Concentrarás o poder e a autoridade para beneficiar a todos os seus filhos...”*

É estranho que Longinus, que, segundo o texto reencarnou como Dom Pedro II, fizesse sua “última romagem” reencarnatória na Terra como D. Pedro II. Ora, segundo Chico Xavier, Emmanuel estaria para reencarnar (ou, conforme alguns apregoam, já estaria reencarnado!); segundo Divaldo Franco, Joanna de Ângelis também estaria próxima de uma nova reencarnação na Terra; segundo Yvonne Pereira, em “Devassando o Invisível”, Victor Hugo reencarnaria no início do século XXI para liderar um grupo de artistas para uma espécie de “nova renascença” nas artes, incluindo Espíritos do nível de Chopin, entre outros. Sem desmerecer D. Pedro II, que parece ser um Espírito com méritos, temos que admitir que ele não deve ser superior a Emmanuel e Joanna de Ângelis. Se tantos Espíritos de altíssimo valor estão voltando para a vida física a fim de ajudar à melhoria da Terra,

D. Pedro II estaria indo contribuir com mundos superiores?! Esquisito...

Jesus chama o planeta Terra, que desde sua criação ele governa, de “planeta escuro da dor e do esquecimento”. É muito difícil aceitar tal frase na boca de mentores de nível relativo; na boca de Jesus, então, fica ainda mais complicado.

No texto Jesus diz: “Serás imperador do Brasil, até que ele atinja a sua perfeita maioria, como nação”. Será que consideraríamos que o Brasil, já tenha atingido “a sua perfeita maioria, como nação” em 2015? Provavelmente, não. A situação atual do país, demonstra que, em pleno ano de 2015, ainda estamos em busca de tal objetivo, mas ainda não logramos tal meta. Bom, se ainda não atingimos isso em pleno 2015, que dizer da situação do país no ano da Proclamação da República, 1889?! Importante reforçar que em 1889, o Brasil tinha acabado de abolir a escravidão e, um pouco antes, de vivenciar a Guerra do Paraguai, mas entrava em um período de terríveis revoluções e instabilidade política com a “República Velha” (também conhecida popularmente como “República das Oligarquias” ou “República do Café com leite”). Será que Jesus estaria equivocado?!

Subsequentemente (ainda na página 144), Jesus ainda recomenda para Longinus, futuro D. Pedro II:

“...lembra-te da prudência e da fraternidade que deverá manter o país nas suas relações com as nacionalidades vizinhas”.

É claro que D. Pedro II esqueceu disso, haja vista a triste participação do Brasil na “Guerra do Paraguai”, em que mulheres e crianças paraguaias foram dizimadas de forma bárbara. Cabe, novamente, a questão: apesar dessa falha, D. Pedro II, desde o século XIX, vive em mundos superiores, sendo que grandes mentores estão reencarnando para melhorar a Terra em pleno século XXI?

FIM DO PRIMEIRO REINADO

O capítulo 21 apresenta uma frase totalmente isolada, independente e descontextualizada, que constitui mais uma das colocações questionáveis da obra:

p.150 *“A realidade é que Ismael triunfa sempre“.*

Acreditávamos que Jesus é que triunfa sempre!

É incrível como significativa parcela do movimento espírita brasileiro parece que nem leu o livro, muito menos estudou, e divulga o mesmo como se fosse um livro com a mesma qualidade de “O Livro dos Espíritos” de Allan Kardec. Muitos confrades gostam da “ideia-título” do livro, sendo ludibriados quanto ao conteúdo da obra e aceitando integralmente o texto sem lê-lo e muito menos estudá-lo. E passam a divulgar o livro, sem um critério doutrinário mínimo que consiste em “não dar divulgação para as obras que não foram efetivamente lidas, estudadas e aprovadas”. Nesse caso, trata-se de ingenuidade aceitar o livro pelo título. Vale lembrar o ditado popular: “Não se deve julgar o livro pela capa”. Poderíamos parafraseá-lo e asseverar: “Não se deve julgar o livro pelo título”.

E quanto aos que leram e gostaram?! Bom, temos várias pequenas explicações (que realmente não justificam tal atitude): excesso de patriotismo; destaque para o Espiritismo nacional, o que nos “contemplaria” e “promoveria”; amor “cego” a Chico Xavier; amor “cego” a Humberto de Campos, entre outros.

De qualquer maneira, vale lembrar o Evangelho de Jesus: “Toda planta que o Pai Celestial não plantou será retirada...”, mesmo que tenhamos que lutar ainda mais e por mais tempo para isso!

Após esta frase, *“A realidade é que Ismael triunfa sempre“*, também há uma estranha explicação referente à derrota brasileira na “Guerra da Cisplatina”:

p.150 *“Apesar das primeiras vitórias das armas brasileiras, a província cisplatina, que não era produto elaborado pela Pátria do Evangelho nem*

fruto de trabalho dos portugueses, se separava definitivamente do coração geográfico do mundo...”.

Será que os uruguaios não poderiam ser, eventualmente, “evangelizados” pela “Pátria do Evangelho”? E, além disso, muito depois da Guerra da Cisplatina, o Brasil foi extremamente enriquecido culturalmente por muitos imigrantes de países mais distantes e de tradições muito diferentes, com línguas mais diferenciadas e com muito mais dificuldade de interação e assimilação culturais em comparação com a eventual interação entre brasileiros e uruguaios.

CAPÍTULO 22
BEZERRA DE MENEZES

Chegamos ao famigerado capítulo 22, no qual J. B. Roustaing é citado. Analisemos o texto que comenta sobre os missionários auxiliares de Kardec:

p.156 *“Segundo os planos de trabalho do mundo invisível, o grande missionário, no seu maravilhoso esforço de síntese, contaria com a cooperação de uma plêiade de auxiliares de sua obra, designados particularmente para coadjuvá-lo, nas individualidades de João Batista Roustaing, que organizaria o trabalho da fé; de León Denis, que efetuará o desdobramento filosófico; de Gabriel Delanne, que apresentaria a estrada científica, e de Camille Flammarion, que abrirá a cortina dos mundos, desenhando as maravilhas das paisagens celestes, cooperando assim na Codificação kardequiana no Velho Mundo e dilatando-a com os necessários complementos”*.

Antes de qualquer comentário, é preciso deixar claro que, muito antes de chegarmos ao capítulo mais citado negativamente da obra, devido, obviamente, a essa menção sobre Roustaing, está evidente para qualquer espírita minimamente informado e coerente doutrinariamente que a obra “Brasil, coração...” tem uma série de problemas de forma e conteúdo. Extremamente anti-doutrinária, “católica”, confusa, cai em contradição por diversas vezes, comete vários equívocos históricos e, em muitos tópicos em que não está claramente equivocada, elabora discussões no mínimo questionáveis. Essa (obra) é “Brasil, coração...”.

A obra tem tantos problemas que afirmar que se trata de “obra polêmica” do ponto de vista doutrinário, como de forma simplista muitas vezes a mesma é considerada, consiste em fornecer a esse livro o benefício de um status que muito provavelmente não mereça. O pior é admiti-la, como frequentemente alguns fazem, como obra imprescindível à “formação doutrinária” do espírita!

Ao chegarmos ao capítulo 22, fica evidente que grande parte das discussões e polêmicas que giram em torno do livro “Brasil,

coração...” minimizam os problemas do livro. No movimento espírita, aqueles que defendem “Brasil, coração...”, basicamente defendem a “ideia-título”, e sempre levam a discussão para a importância do Brasil no cenário mundial em termos espirituais, fundamentalmente pelo fato do Brasil ter “abrigado” o Espiritismo. Por outro lado, os que criticam a obra, na maioria dos casos, referem-se ao capítulo 22 e a menção a J. B. Roustaing como “missionário da fé”.

A nosso ver, o livro é fraquíssimo e seus erros extrapolam, e muito, o problema da citação de Roustaing. E, que fique claro, isso não tem nada a ver com a “ideia-título” exarada na capa da obra. Antes de qualquer debate sobre o assunto, é importante para todos os espíritas, que estejam sinceramente predispostos à busca da Verdade através do esclarecimento doutrinário, que deixem enfaticamente evidente para os interessados o que será discutido em todo e qualquer tipo de estudo que direta ou indiretamente aborde o livro “Brasil, coração...”: a ideia inserta APENAS no título, ou seja, basicamente o papel do Brasil no avanço do nível de Espiritualidade mundial ou **TODO O LIVRO DENOMINADO “BRASIL, CORAÇÃO DO MUNDO, PÁTRIA DO EVANGELHO”, COM TODOS OS SEUS 30 CAPÍTULOS?**

Aliás, muitos que fazem essa confusão, nem leram o livro ou têm outros interesses motivando seus pontos de vista.

Luciano Costa, em sua obra “Kardec e não Roustaing”, afirma logo no início que “o corpo fluídico era a isca” que Roustaing e/ou os Espíritos mistificadores que trouxeram “Os Quatro Evangelhos” utilizavam para seduzir os incautos. Luciano Costa explica que a obra de Roustaing era uma mistificação tão óbvia, com problemas tão numerosos, graves e evidentes, que a proposta do famigerado corpo fluídico de Jesus não era nem o maior e muito menos o único problema doutrinário do texto. E, apesar disso, é muito usual perceber que, mesmo nos dias atuais, a menção ao nome Roustaing ainda gera discussões restritas única e exclusivamente à questão sobre a natureza do corpo de Jesus de Nazaré. No que se refere ao livro “Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho”, temos que ressaltar que a “isca”, nesse caso, é a confusão entre a “ideia-título” e o

conteúdo de todos os 30 capítulos do respectivo livro! São duas discussões completamente diferentes, as quais vêm sendo, propositadamente ou não, confundidas sistematicamente. Seria algo semelhante a um indivíduo, tido como espírita, defender a ideia-título de “O Livro dos Espíritos” e, por isso, se sentir desobrigado de ler e estudar o conteúdo da obra. Com a diferença que a qualidade do conteúdo da obra “O Livro dos Espíritos” corresponde à síntese da Codificação, ou seja, da Terceira Revelação prometida por Jesus.

A ideia básica do título “Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho” é bastante razoável e passível de ser estudada, discutida e analisada em termos de implicações dentro do contexto das responsabilidades do espírita atuante. Já o conteúdo do texto não é nada razoável, pelo menos se o livro for considerado um livro espírita, e, o que é mais grave, livro altamente relevante para a formação doutrinária dos espíritas em geral, conforme alguns asseveram.

Feito esse esclarecimento, e admitindo, aprioristicamente, que o texto corresponde, realmente, aos originais que foram submetidos à publicação pelo médium Francisco Cândido Xavier, temos que esclarecer em que consiste uma “missão espiritual na Terra” e o papel de um suposto “missionário”. Para isso, recorramos à mensagem do livro “Obras Póstumas” denominada “Meu Sucessor”, na qual Kardec pergunta se um suposto sucessor já estava sendo preparado, para a eventualidade dele, Allan Kardec, não poder continuar a obra (afinal, ele sabia estar muito doente e estava consciente de que provavelmente não tinha muito tempo de vida física. O Codificador estava, por conseguinte, preocupado com o desenvolvimento do movimento espírita após sua desencarnação ou impossibilidade física em virtude de uma possível ocorrência patológica mais grave).

A resposta estabeleceu que “sim e não”. Sim, havia alguém previamente designado e que estava sendo lenta, gradual e criteriosamente preparado, mas, segundo a orientação espiritual recebida pelo Codificador, não necessariamente ele desenvolveria a função, uma vez que qualquer missionário pode refugar de quaisquer tarefas, em função de seu livre-arbítrio e das dificuldades inerentes ao

processo reencarnatório (tais como a influência da matéria, o esquecimento do passado, as influências espirituais negativas, a perda de foco em função de grande número de áreas de interesse e habilidades previamente conquistadas etc.).

Portanto, ser “missionário” ou “ter uma missão” não quer dizer, de maneira alguma, que a missão será completada, e nem sequer iniciada! Vários capítulos da obra de André Luiz “Os Mensageiros” [Luiz, 2003] bem como da obra de Manoel Philomeno de Miranda “Tormentos da Obsessão” [Miranda, 2001] dão exemplos de vários médiuns e doutrinadores espíritas fracassados. Aliás, ser “missionário”, a rigor, é ter uma tarefa, o que todos, sem exceção, possuem. É claro que em se tratando da referência a Roustaing, no capítulo 22 de “Brasil, coração...”, o advogado de Bordeaux é mencionado ao lado de verdadeiros missionários, o que, admitindo a legitimidade do texto, em princípio, não deixaria margem para dúvidas de que realmente ele tinha tal missão.

Entretanto, indiscutivelmente, a missão de Roustaing é a mais ambígua, confusa e contraditória em relação a diversos fatores (destacamos três deles): 1) em relação ao texto propriamente dito exarado em “Brasil, coração...”; 2) com respeito à obra escrita deixada pelos respectivos missionários e; 3) no que se refere também ao que realmente foi feito no Movimento Espírita da época, em termos de atuação por parte dos referidos desenvolvedores da obra de Kardec.

Vejamos, primeiramente, em relação ao texto de “Brasil, coração...”: o que seria a missão da “organização do trabalho da fé”, pura e simplesmente, sem nenhuma explicação adicional? O texto é vago, estranho...afinal, a Doutrina Espírita é a Doutrina da “Fé Raciocinada”, da libertação das consciências pela aquisição do entendimento das Leis da Vida. Assim sendo, a missão de Denis, focada em desdobramentos filosóficos é uma missão de aprofundamento da “Fé Raciocinada”; assim como a missão de Delanne, buscando evidências científicas da imortalidade da alma através do estudo do fenômeno mediúnico, é uma missão de

aprofundamento da “Fé Raciocinada”; assim como a missão de Flammarion, discutindo as questões relacionadas à “Pluralidade dos Mundos Habitados”, também fortalece a “Fé Raciocinada”, concernente a um dos princípios básicos do Espiritismo. E Roustaing? Nada! Simplesmente a missão da “organização do trabalho da fé”! Da forma como está colocado, o texto, além de ser, ironicamente, um comentário que remete, mais uma vez, ao jargão católico, sugere, indiretamente, uma espécie de “fé cega”.

Poder-se-ia alegar que a “fé” representaria o aspecto religioso do Espiritismo, no que se refere à interpretação do Evangelho de Jesus, referência moral maior de toda a humanidade, conforme Questão 625 de “O Livro dos Espíritos” (LE). A título de estudo, dispomo-nos a admitir tal argumentação. Vejamos, o aspecto religioso da Doutrina Espírita é representado fundamentalmente pela obra “O Evangelho Segundo o Espiritismo” (ESE), publicado em primeira edição em 1864 e com desdobramentos na obra “O Céu e o Inferno”, cuja primeira edição é de 1865, anos nos quais, concomitantemente, Roustaing e sua médium Emilie Collignon, de forma totalmente independente do Movimento Espírita, já elaboravam a obra propagada como “Revelação da Revelação”! Porém, as obras são totalmente antagônicas, envolvendo, supostamente, pelo menos um Grande Espírito em comum, que seria João Evangelista, que ensina vários conceitos completamente distintos nas referidas obras.

E sobre o terceiro tópico, que diz respeito ao que realmente foi feito no Movimento Espírita da época, em termos de atuação por parte dos referidos desenvolvedores da obra de Kardec, é lamentável constatar que Roustaing não fez nada! Para quem, supostamente, tinha a missão de “organizar o trabalho da fé”, além de “cega”, teria que ser “preguiçosa”, pois foi totalmente “sem obras” dentro do Movimento Espírita, no qual Roustaing jamais permitiu-se integrar de forma efetiva. Denis, Delanne e Flammarion, com destaque especial para os dois primeiros, foram atuantes no Movimento Espírita, que foi rejeitado por Roustaing .“Organizar o trabalho da fé” equivaleria, apenas, a publicar o seu único livro?! Vale lembrar da carta do

Apóstolo Tiago (capítulo 2, versículos de 17 a 19): *“Assim também a fé, por si só, se não for acompanhada de obras, está morta. Mas alguém dirá: “Você tem fé; eu tenho obras”. Mostre-me a sua fé sem obras, e eu mostrarei a minha fé pelas obras. Você crê que existe um só Deus? Muito bem! Até mesmo os demônios creem - e tremem!”.*

Vale registrar que Humberto de Campos, na obra “Crônicas de Além-Túmulo” (capítulo 21 denominado “O Grande Missionário”), que é anterior a “Brasil, coração...” (foi publicado em primeira edição em 1937), são citados como colaboradores de Allan Kardec os missionários Camille Flammarion, Léon Denis e Gabriel Delanne, sem nenhuma menção a Roustaing [Campos, 1998].

Para que tal tópico fique elucidado com bastante clareza, estamos transcrevendo um comentário do lúcido professor Herculano Pires em seu livro, publicado postumamente, denominado “A Evolução Espiritual do homem – na perspectiva da Doutrina Espírita” (capítulo primeiro – “O Homem no Mundo como Ser na Existência”, quarto parágrafo) [Pires, 2002]:

“O religiosismo popular, na França como em toda parte, foi abalado pela resistência e a insistência de Kardec, absorvendo os seus princípios básicos. Foi então que ele se entregou a elaboração secreta de “O Evangelho Segundo o Espiritismo” proporcionando ao povo os esclarecimentos espíritas. Nesse livro ele amparava e estimulava a religião do povo, mas sustentando essa religiosidade em termos racionais. Apoiava-se então no princípio doutrinário da Lei de Adoração – Lei universal que só ele descobriu e explicou, - reativando a religião nos corações abalados. Ainda hoje há espíritas, não raro ocupando posições de direção em instituições doutrinárias, que não compreendem a necessidade e o valor desse livro orientador da intuição religiosa popular. Não compreendem que o aspecto religioso do Espiritismo constitui a base inabalável do movimento espírita no mundo. Outros chegam a criticar Kardec por essa capitulação, e outros, mais ingênuos, chegam ao cúmulo de alegar que essa tarefa cabia a Roustaing, o infeliz fascinado de Bordeaux que lançou a obra de evidente mistificação “Os Quatro Evangelhos”, em que os evangelistas se contradizem a si mesmos e tentam forçar um retrocesso católico do religiosismo popular. A tese espúria,

levantada pela Federação Espírita Brasileira, de que Roustaing estava incumbido do problema da fé é simplesmente alucinante. O pobre fascinado não foi discípulo de Kardec, jamais militou ao seu lado e teve sua obra rejeitada pelo mestre. A fé de Roustaing não podia entrosar-se na obra de Kardec, pois era a fé católica medieval, enquanto a fé espírita, definida por Kardec como fé racional, não precisava de nenhum assessor místico e fanático para se implantar na consciência dos novos tempos. O Espiritismo rejeita toda mitologia de ontem, de hoje e de amanhã. Sua função é de transformar os erros em verdades, como se lê em Kardec, e não em remendar as mitologias antigas com novos ridículos mitos, como Roustaing tentou fazer em sua obra mistificadora, em que a obra kardeciana é deformada por um trabalho de plágio vergonhoso e de remendos adulteradores que denunciam a debilidade mental do autor. Por sinal que este mesmo declara, na introdução de sua obra, que a obteve mediunicamente (por uma médium, que foi a primeira a rejeitar a mistificação) após haver saído de um internamento em hospital de doentes mentais” (Herculano Pires) (grifos nossos).

Jesus disse: “seja o seu dizer: sim, sim; não, não”!

Cabe a cada espírita, portanto, escolher e pregar com critério e responsabilidade, tendo a certeza de que se enganarmos a nossos irmãos, principalmente motivados por razões escusas, “colheremos” as consequências.

CAPÍTULO 23

A OBRA DE ISMAEL

Considerando que toda a obra “Brasil, coração...” já contempla, em todo o seu conteúdo, inumeráveis comentários elogiosos ao Espírito denominado Ismael, destacando a atuação desse Espírito em toda a história espiritual do Brasil, consideramos que a escolha do título do capítulo não foi muito feliz. Afinal, a obra de Ismael, pelo menos de acordo com a obra “Brasil, coração...”, já estaria sendo desenvolvida desde antes do descobrimento do Brasil.

Esse redundante destaque também apresenta um problema maior, afinal, a obra, em última análise, é de “Jesus”. Portanto, mesmo admitindo que não seja de forma proposital, o texto acaba reforçando um “culto à personalidade de Ismael”, ou seja, um excessivo destaque a Ismael, o que é questionável do ponto de vista evangélico(→) doutrinário. Vejamos:

p.164 “...para levantarem bem alto a bandeira de Ismael, como manancial de luz para todos os Espíritos e de conforto para todos os corações”.

E no parágrafo seguinte, na mesma página:

p.164 “...Os mensageiros de Ismael, triunfando da discórdia que destruíra o grande núcleo nascente...”.

Podemos lembrar a contundente passagem do Mestre Nazareno registrada no Evangelho de Lucas: “Assim também vós, quando tiverdes cumprido todas as ordens, dizei: Somos simples servos, fizemos apenas o que devíamos fazer” (Lucas 17.10).

Ademais, o título do capítulo 23 acaba levantando novamente a questão: Ismael é o mentor do Brasil, do movimento espírita brasileiro, de uma ou mais instituições espíritas específicas ou é o mentor espiritual de tudo isso ao mesmo tempo? Vale registrar que o nome de “Allan Kardec” é citado uma única vez em todo o capítulo (no final do quarto parágrafo do referido capítulo (p.162), e três vezes em todo o livro, sem maiores destaques, o que seria de se esperar (as

adjetivações) considerando o uso corriqueiro de muitos elogios a vários Espíritos, sobretudo a Ismael, em todo o texto de “Brasil, coração...”.

De fato, na página 161, o lema “Deus, Cristo e Caridade” aparece mais uma vez, o que vai ocorrer novamente na página 164, através de citação à *“Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade”*, sob a direção esclarecida de Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, grande discípulo do emissário de Jesus...”.

O capítulo 23 remonta, portanto, aos primórdios do movimento espírita brasileiro, inclusive citando no quinto parágrafo “...o primeiro periódico espírita brasileiro – “O Eco de Além-Túmulo” (p.163). Sabemos, de fato, que vários espíritas nobres lutaram muito para implantar o Espiritismo no Brasil, em uma época extremamente difícil e de grande preconceito contra o Espiritismo. Mas acreditamos que tal luta não foi bem relatada no referido capítulo. Realmente, tal capítulo destaca praticamente apenas os espíritas assim como a história associada à fundação da “Federação Espírita Brasileira”, citada nominalmente no final do último parágrafo do capítulo. É inegável a contribuição da referida instituição no movimento espírita brasileiro no passado e no presente, mas a lembrança de pioneiros associados a outras instituições e localidades do movimento espírita brasileiro seria mais justa e mais coerente com um livro que se propõe a narrar a história espiritual de todo o Brasil.

Além disso, a discussão acima enfatiza, uma vez mais, a dificuldade em definir o papel de Ismael, em termos de atribuições espirituais.

O Capítulo 23, “A obra de Ismael”, também apresenta um problema adicional, que consiste no fato de parecer estar descontextualizado no tempo. Muitos fatos narrados parecem “quebrar” a sequência narrativa do livro, ou seja, não estão condizentes com a sequência cronológica da história do Brasil e nem com o ritmo de narrativa imprimido desde o início do livro. Portanto, parece ter havido um esforço para que tal capítulo se encaixasse dentro da sequência narrativa, pois o mesmo quebra radicalmente a sequência do livro. É claro que se trata de um problema de forma e não de conteúdo, mas é

algo estranho. Essa constatação ficará mais clara a partir do estudo do capítulo subsequente (Capítulo 24, “A regência e o segundo reinado”), pois teremos que “voltar no tempo” muitas décadas em relação ao momento histórico que havíamos chegado no final do referido capítulo 23. Vejamos:

p.165. *“Em 1883, Augusto Elias da Silva, na sua posição humilde, lançava o “Reformador”, coadjuvado por alguns companheiros...”*

E, subsequentemente:

p.165 “ – *Chamem agora Bezerra de Menezes ao seu apostolado!*”

Fica evidente, por conseguinte, que chegamos às duas décadas finais do século XIX, nas quais Doutor Bezerra de Menezes terá uma atuação destacada no Movimento Espírita Brasileiro até sua desencarnação, por acidente vascular cerebral (AVC) em 11 de abril de 1900. No entanto, teremos que voltar muitas décadas no tempo...

CAPÍTULO 24

A REGÊNCIA E O SEGUNDO REINADO

Como já havíamos adiantado no final do capítulo 23, o início do capítulo 24 apresenta um problema de ordem cronológica. Afinal, havíamos terminado o capítulo 23 com Bezerra de Menezes sendo convocado para assumir seu apostolado à frente do Movimento Espírita no final do século XIX e temos agora um recuo a data “7 de abril de 1831”, quando Dom Pedro I “abandonou o país”.

O capítulo 24 contempla uma exaltação do período da regência, que consiste em discussão questionável do ponto de vista histórico e espiritual, com argumentos inexistentes ou insuficientes do ponto de vista doutrinário. Vejamos:

p.170 *“A Regência ficava assinalada no tempo, como uma das mais belas escolas de honradez e de energia do povo brasileiro. Vivendo numa atmosfera de franca antipatia popular, pelas medidas de repressão que lhe cumpria executar; flutuando, como instrumento de conciliação, entre as marés bravias do separatismo no Sul, os vagalhões impetuosos da opinião partidária nas cidades centrais e as ondas tumultuárias das lutas ao Norte, todos aqueles homens que passaram pela Regência foram compelidos aos mais elevados atos de renúncia pelo bem coletivo, praticando com isso verdadeiro heroísmo, a fim de que se conservasse intacto, para as gerações do futuro, o patrimônio territorial e a escola das instituições, na objetivação luminosa da civilização do Evangelho, sob a luz cariciosa do Cruzeiro”.*

Ou há uma exagerada exaltação de qualidades ou uma exaltação de fraquezas. Nesse caso, todos os representantes da regência, sem exceção, tiveram uma atuação extraordinária, do ponto de vista espiritual, sem nenhuma ressalva digna de nota. Interessante analisar o comentário: “*Vivendo numa atmosfera de franca antipatia popular, pelas medidas de repressão que lhe cumpria executar...*”. Será que a antipatia popular não tinha nem uma mínima razão de ser? Mesmo tomando “*medidas de repressão*” estavam sempre certos,

espiritualmente?! E o texto para defender possíveis problemas morais de decisões da regência justifica “...*que lhe cumprira executar*”.

Jesus ensinou-nos: “São necessários os escândalos, mas ai por quem os escândalos venham”. Portanto, “a cada um é dado segundo suas obras”, o que equivale a dizer que respondemos pelas medidas que tomamos individualmente. Tamanha exaltação à regência, sem maior explicação doutrinária, soa como se o texto “tomasse partido” em uma disputa de forma dogmática, isto é, sem maior análise e conhecimento de causa. A questão que surge é doutrinária: quais foram as medidas e por que “*cumpria executá-las*”? O texto não responde a esse questionamento. Assim, fica difícil retirar aprendizado doutrinário do texto, pois é postulado algo que não é minimamente explicado.

Com a inesperada abdicação de D. Pedro I, seu filho Pedro (1825-1891), sucessor legítimo, não pôde assumir, pois contava com apenas cinco anos. No aguardo da maioridade do sucessor, o Brasil, de 1831 a 1840, foi governado por várias regências, provocando instabilidade política e social, o que desencadeou revoltas regionais cumulativas e anos difíceis para a população “pobre e miserável” no dizer de historiadores. Storto e Aguilar Filho (2015) caracterizam o período regencial como um dos mais conturbados da história de nosso país. Devido à falência do Banco do Brasil em 1829, o estado estava falido. Além disso, o governo representava os interesses das elites do Rio de Janeiro, grupo que se opunha aos interesses das elites de outras regiões do país que defendiam maior autonomia política para as províncias. Some-se a isso a ida de toda a corte portuguesa de volta para Portugal. É nesse período que estouram a Sabinada, a Revolução Farroupilha e a Cabanagem, movimentos que foram violentamente reprimidos pelo governo regencial. Para citarmos apenas um exemplo, a regência una do padre Diogo Antônio Feijó (1835 a 1837) ficou marcada pela defesa da ordem e da manutenção da aristocracia no poder. Incapaz de conter as várias revoltas em curso, renunciou. Ademais, o grupo dos chamados “liberais” aplicou o “Golpe da Maioridade” (1840), levando Dom Pedro II ao poder com apenas

quatorze anos de idade. Mais uma pergunta: aplicar um golpe político, mesmo com objetivos sinceros, mas desrespeitando leis civis, é ato elogiável?

CAPÍTULO 25

A GUERRA DO PARAGUAI

Antes de retomarmos a discussão do conteúdo propriamente dito, é importante deixar claro que nesse capítulo 25 (“A Guerra do Paraguai”) são citados textualmente os anos 1850 e 1843 (página 174); os anos 1849 e 1852 (página 175); e 1865 (página 177), os quais são muito anteriores a várias discussões do capítulo 23 (“A obra de Ismael”). Portanto, fica claro que o capítulo 23 está totalmente fora de contexto histórico e de sequência cronológica.

As duas primeiras páginas do capítulo 25 (“A Guerra do Paraguai”), páginas 173 e 174, são praticamente dedicadas de forma exclusiva à exaltação dos predicados de Dom Pedro II, seguindo uma tendência de todo o livro de fazer uma avaliação superficial de fatos, personagens e momentos históricos. O texto força a interpretação patriótica e distorce situações históricas para exaltar o Brasil e sua história, mesmo quando os eventos não são tão positivos assim. Vejamos um exemplo no final da página 174 (final do segundo parágrafo do capítulo):

p. 174 *“Numerosas conquistas, nesse particular, se consolidaram sob administração do Imperador generoso e liberalíssimo. Em 1850 iniciava-se a plena supressão do tráfico negro, realizando-se a Abolição, por etapas altamente significativas”.*

Considerando a expressão *“Imperador generoso e liberalíssimo”*, e identificando que esse registro vem ao final de duas páginas de intensos elogios a Dom Pedro II, inevitavelmente acabamos lembrando da citação de Allan Kardec no capítulo 23, e que foi muito menos elogiado do que Dom Pedro II, isso sem falar no “Anjo Ismael”, exaustivamente promovido em todo o livro.

Pedro II é descrito pelo historiador José Murilo de Carvalho (2007) como uma pessoa amável e simples. Segundo Carvalho (2007), o imperador era sabidamente abolicionista e durante o seu reinado o Brasil viveu um dos períodos de maior liberdade de imprensa. Corroborando especulações de “Brasil, coração...”, Sales (2008)

transcreve trecho de uma carta do imperador a Zacaria Góes em que este se revela preocupado em relação à guerra de secessão para que o mesmo não acontecesse no processo de abolição no Brasil. Entretanto, Segundo Holanda (2010) o próprio imperador admitiu que, se estivesse no país em maio de 1888, a Lei Áurea não teria sido assinada. Pedro II era ao mesmo tempo liberal e conservador. Para Thomas Skidmore (2012), no episódio da Guerra do Paraguai, Pedro II demonstrou seu lado autoritário, insistindo na manutenção da guerra impopular, mesmo havendo a possibilidade de um acordo de paz. Ainda para este historiador, “era sob a autoridade do imperador e de seus ministros que a polícia e o Exército caçavam escravos fugidos e os devolviam aos senhores, às vezes para serem torturados e mutilados”. Em 1845, os ingleses impuseram uma lei realizando a prisão de toda a embarcação que estivesse no Oceano Atlântico transportando escravos africanos. Essa pressão fez com que os navios negreiros praticamente sumissem, bem como dobrou o preço dos escravos. Daí que, entrando em cena o fator econômico, ele foi um dos principais fatores da abolição.

Além disso, o comentário “Em 1850 iniciava-se a plena supressão do tráfico negro, realizando-se a Abolição, por etapas altamente significativas” é um comentário muito parcial, na tentativa de “dourar a pílula” e considerar o Brasil um verdadeiro “mundo cor-de-rosa”, como muitos dizem popularmente. Segundo Faber (acesso em 28/06/2015), “Sem alternativa, o governo brasileiro passou a aprovar, gradualmente, uma série de leis e tratados que limitavam a escravidão no país”. Dom Pedro II, em 1850, assina a lei que proíbe o tráfico de escravos para o Brasil. Essa lei não alterava o regime de escravidão no país, mas tornava os escravos mais valiosos, já que a importação estava proibida.

Ora, uma criança negra que nascesse em 1850 só seria libertada em 1888, portanto, aos 38 anos de idade. Essa criança teria nascido escrava, tendo sido filha de escravos e criada como escrava, crescida como escrava, tendo adquirido a idade adulta como escrava e provavelmente casando e tendo filhos dentro de um contexto de escravidão. De fato, a “Lei do Ventre Livre”, que só entrou em vigor

em 1871, foi considerada pouco eficiente, uma vez que, com os pais escravos, muitas das crianças continuavam a ser criadas nas senzalas e sem clara perspectiva de melhoria social significativa). Ao demais, 38 anos já não era uma idade muito jovem, considerando a menor expectativa de vida da época, principalmente considerando as condições de vida de uma senzala. Assim, afirmar “*realizando-se a Abolição, por etapas altamente significativas*”, sem a menor ressalva em termos de crítica ao povo brasileiro por quase quatro séculos de escravidão, mais do que politicamente incorreto, é evangélica e doutrinariamente questionável, para não dizer claramente reprochável, ainda mais para um povo que seria o “coração do mundo, a pátria do Evangelho”. Para o leitor que achar que estamos exagerando e que a frase “*realizando-se a Abolição, por etapas altamente significativas*”, é justificável, vale lembrar que o Brasil foi um dos últimos países a abolir a escravidão e que os piores criminosos do Brasil, nos dias atuais, muitos deles condenados a vários séculos de prisão, só ficam na penitenciária no máximo 30 anos.

Na transição da segunda para a terceira página do capítulo 25 (“A Guerra do Paraguai”), o texto continua adiando o “indigesto” assunto da guerra propriamente dita, mantendo uma temática de patriotismo exagerado, comentando que “*as falanges de Ismael não se descuravam da Pátria do Evangelho...*” e, mais à frente, já na página 175, “*Foi assim que, naquela época de organização da pátria, apareceram homens e artistas extraordinários, como Rio Branco, e Mauá, Castro Alves e Pedro Américo, que vinham com elevada missão ideológica, nos quadros da evolução política e social da pátria do Cruzeiro*”.

Perceba o leitor que já estamos na terceira página do capítulo 25, denominado “A Guerra do Paraguai” e nem sinal de guerra. Muito pelo contrário, somente elogios, alta espiritualidade, grandes realizações, missionários e exaltação de várias figuras da história brasileira.

Curiosamente, no fim desse quarto parágrafo, a mesma expressão “*exorbitar das suas funções*”, que foi utilizada para “justificar” o assassinato do filho de Fernão Dias pelo próprio pai, é utilizada para

que o texto “coloque leve reparo” à atitude política brasileira antes da guerra. Vejamos:

p.175 “...*não competia, porém, à política brasileira exorbitar das suas funções, no intuito de assumir a direção da casa dos seus vizinhos*”.

Portanto, a política intervencionista brasileira, que foi um dos fatores predisponentes e desencadeadores de uma guerra sem precedentes (assim como o assassinato de um filho), é caracterizada pelo texto da mesma maneira: seria apenas um “...*exorbitar das suas funções...*”. O texto trata ações graves com um eufemismo inaceitável à luz da razão.

A página 176, após afirmar que “*as tropas brasileiras depuseram Oribe*” e comentar sobre a “*supremacia arrogante da política brasileira*”, o texto vai ficar focado na figura de Dom Pedro II, o qual tem uma visão espiritual maravilhosa, pois o próprio Mestre Jesus de Nazaré aparece para ele e recomenda que ele mude a política brasileira, para uma atitude não intervencionista. Considerando que estamos analisando um encontro com Jesus, o texto é até longo, e o Mestre deu recomendações claras para Dom Pedro II (que é exaltado como grande missionário no livro “Brasil Coração...”). Dom Pedro II parece ter ignorado a orientação do Mestre, pois dois parágrafos a seguir o texto finalmente começa a comentar sobre o início da “...*guerra que durou cinco longos anos de martírios e derrames de sangue fraterno*”. Sendo D. Pedro II um espírito superior, como considerado no livro, não lhe caberia tal atitude arrogante.

No fim da página 177 e no início da página 178 (décimo parágrafo do capítulo 25 – “A Guerra do Paraguai”), o texto de uma forma um pouco confusa, apesar de caracterizar Solano Lopez como “caudilho” e fazer algumas críticas ao ditador paraguaio, chega a elogiar muitas de suas qualidades e questionar a imagem histórica de Solano, sem explicitar bem sua opinião e muito menos explicar seus argumentos. Na verdade, é difícil extrair qualquer informação clara desse parágrafo.

Vejamos alguns trechos do penúltimo parágrafo do capítulo 25:

p. 178. *“Os militares brasileiros ilustram o nome da sua terra em gloriosos feitos, que ficaram inesquecíveis. Mas o país do Evangelho sempre foi contrário às glórias sanguinolentas. Estero, Belaco, Curupaiti, Lomas Valentinas, Tuiuti, Curuzu, Itorocó, Riachuelo e tantos outros teatros de luta e de triunfo, em verdade, não passaram de etapas dolorosas de uma provação coletiva, que o povo brasileiro jamais poderá esquecer.”*

O texto segue uma linha confusa e constrangedora de tentar valorizar o Brasil e suas conquistas, inclusive vitórias militares, e fazer algumas ressalvas, pois, afinal, o nosso país é o “coração do mundo, a pátria do Evangelho”. Ao mesmo tempo em que afirma que os feitos militares ficaram inesquecíveis, diz que o Brasil é contrário às glórias sanguinolentas. Mais uma contradição do texto.

Estranhamente, após menos de uma página tratando da guerra do Paraguai propriamente considerada, em um capítulo inteiro com esse nome, chegamos ao último parágrafo do respectivo capítulo, e passada a “tempestade” do constrangimento e da confusão entre elogios e leves críticas, o discurso patriótico volta com toda força. Vejamos o início do último parágrafo:

p.178-179 *“A realidade, entretanto, é que o Brasil retirou desse patrimônio de experiências os mais altos benefícios para a sua política externa e para a sua vida organizada, sem exigir um vintém dos proventos de suas vitórias”.*

Vale lembrar que segundo alguns dados históricos em torno de 75% da população do Paraguai foi dizimada (Storto e Aguilar Filho, 2015). Cenas dantescas, dignas de genocídio, foram praticadas contra mulheres e crianças no fim da famigerada guerra. Os soldados paraguaios no final da guerra eram, em grande percentagem, meninos, alguns que mal tinham atingido a puberdade e outros nem isso. A partir de determinado momento, o Brasil já poderia ter encerrado sua ação militar na guerra, pois a guerra estava há muito vencida (sobretudo, após a tomada de Assunção), mas continuou com o ataque. O texto ignora isso tudo e ainda afirma “...sem exigir um vintém dos proventos de suas vitórias” para voltar ao seu ritmo normal

de exaltação do Brasil. Depois de destruir o país vizinho, que nunca mais se recuperou de tamanha catástrofe, o texto ainda quer elogiar o Brasil por não ter pedido indenização de guerra ao Paraguai.

Para encerrar esse capítulo 25 (“A Guerra do Paraguai”), no qual é difícil tirar algo de bom ou de doutrinário, há uma afirmação esquisitíssima. Vejamos:

p.179 *“Nunca mais o Brasil praticou uma intervenção indevida, trazendo em testemunho da nossa afirmativa a primorosa organização da nacionalidade argentina que, apesar da inferioridade da sua posição territorial, comparada com a extensão do Brasil, é hoje um dos países mais prósperos e um dos núcleos mais importantes da civilização americana em face do mundo”.*

Incrivelmente, o texto sugere que o Brasil poderia ter feito uma intervenção militar na Argentina, considerando que a mesma é inferior em extensão territorial em relação ao Brasil! E que somente pelo fato do Brasil não ter feito isso tal “renúncia” já constitui “testemunho da... afirmativa”. Quer dizer, como o Brasil não tentou invadir, destruir ou anexar a Argentina como fez com o Paraguai, está “testemunhado” o fato de que “*Nunca mais o Brasil praticou uma intervenção indevida*”.

Nessa altura, após analisar 25 dos 30 capítulos de “Brasil, coração...”, chega a ser chocante constatar que esse livro foi a base literária espírita para a assinatura do chamado “Pacto Áureo” e que continua sendo o livro mais divulgado e propalado quando são comentados os temas “União” e “Unificação” concernentes ao Movimento Espírita Brasileiro.

CAPÍTULO 26

O MOVIMENTO ABOLICIONISTA

O capítulo 26 inicia mantendo o mesmo padrão de exaltação das personalidades de Dom Pedro II, da Princesa Isabel, de Ismael e de sua falange. Dentro dessa linha de raciocínio, o texto tenta explicar, até com argumentos, a priori, dignos de análise, porque Dom Pedro II não tomou a atitude de abolir a escravidão. Vejamos se são convincentes:

p. 182 “...*Desejaria antecipar-se ao movimento ideológico, decretando a liberdade plena de todos os escravos, mas os terríveis exemplos da guerra civil que ensanguentara os Estados Unidos da América do Norte durante longos anos, na campanha abolicionista, faziam-no rezear a luta das multidões apaixonadas e delinquentes*”.

De fato, a Guerra Civil Americana foi algo terrível e seu exemplo certamente serviu de receio e principalmente de argumento político para que Dom Pedro II adiasse indefinidamente a atitude libertadora de promulgar a abolição da escravatura. No entanto, usar tal motivo como único fator para justificar tal procrastinação é ser demasiadamente simplista e ignorar a complexidade histórica, provavelmente para manter a exaltação a um dos principais protagonistas que a obra “Brasil, coração...” resolveu promover, no caso Dom Pedro II, e também toda a família imperial brasileira.

O texto, por exemplo, ignora o fato de que grande parte da sustentabilidade do poder político de Dom Pedro II era mantida pelos grandes proprietários rurais, sobretudo cafeicultores, em sua maioria escravagistas, principalmente dos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Obviamente, Dom Pedro II desejava a manutenção do poder imperial e sabia que a abolição da escravatura abalaria sua estabilidade no poder (como, de fato, aconteceu, pois aproximadamente um ano e meio após a abolição da escravatura, aconteceu o “golpe”, que instaurou a república no Brasil, isto é, a chamada “proclamação da república” em 15 de novembro de 1889).

Além disso, se Dom Pedro II estivesse tão preocupado assim com a ocorrência de uma guerra em função da abolição da escravatura, dada a sua extraordinária elevação espiritual (conforme o texto enfaticamente assevera reiteradas vezes) e, principalmente, se esse fosse o principal receio do Imperador, qual teria sido a razão dele permitir a extensão temporal absurda da “Guerra do Paraguai” (principalmente após 1868, não existia nenhuma justificativa para a continuação da guerra), na qual um país e praticamente um povo inteiro foi dizimado?! Ele como líder máximo do país, em um regime cujo poder era extremamente centralizado, não pode ser isentado da responsabilidade de grande parte daquilo que praticamente poderia ser caracterizado como “um genocídio do povo paraguaio”, sobretudo no fim da guerra.

Não negamos que o sofrido exemplo norte-americano certamente tenha sido um dos fatores considerados pelo Imperador ao adiar a abolição. Entretanto, permitir que a escravidão chegasse às portas do século XX, muitos anos depois do fim da Guerra Civil Americana, não deixa de constituir uma possível “mancha moral” para o Imperador (principalmente em termos de legado, sobretudo moral, o qual é enfatizado positivamente pelo livro “Brasil, coração...”), sem falar da incrível “queda moral” em que ele incidiu, junto com todo o povo brasileiro, com todo o processo da Guerra do Paraguai. Afinal, o poder político estava centralizado na figura do Imperador. Vale reforçar, uma vez mais, que, segundo o texto de “Brasil, coração...”, Dom Pedro II teria recebido uma mensagem espiritual belíssima, clara e contundente de nosso Mestre Maior, Jesus de Nazaré (transcrita no próprio texto de “Brasil, coração...” no sétimo parágrafo do capítulo 25 – “A Guerra do Paraguai”, nas páginas 176-177), para que o Brasil não tivesse uma atitude intervencionista em relação aos países vizinhos, bem antes do início da infeliz “Guerra do Paraguai”.

No terreno apenas das reflexões, sabendo-se que o Imperador Dom Pedro II gozava de prestígio junto aos políticos e os ricos senhores da zona rural, onde se concentrava a maioria dos escravos, é de se

perguntar: Sendo o homem digno que se mostrava, culto (sabedor da abolição em tantos países), espiritualizado, por que muito antes da abolição, ao menos, não decretou o fim dos terríveis suplícios aplicados nos escravos? Obviamente não desconhecia essa crueldade ímpar, secular... Eliminada tanta e tamanha maldade para com os escravos, digamos por hipótese, no período de 1850 a 1855, poucos anos após haveria clima para a abolição total. Aí, não existiria dúvida atribuída à Guerra da Secessão nos EUA (1861 a 1865), nem as Leis do Ventre Livre (1871) e a do Sexagenário (1885), e sim, a antecipação da abençoada Lei Áurea (de 1888). Supondo que a tardança em abolir a escravidão foi opção imperial para não deflagrar maior derramamento de sangue, comparativamente aos ocorridos na Guerra da Secessão nos EUA e na Guerra do Paraguai, a “abolição” dos maus tratos aos escravos — gesto de magnanimidade — certamente, ao menos, acalmaria em parte aos abolicionistas. Eles que, cada vez mais numerosos, heroicos e enérgicos, tinham junto de si a força da razão, da qual, evidentemente, Dom Pedro II partilhava, considerando sua condição espiritual. Uma dúvida difícil de se dissipar é se o Imperador previa que a Abolição, implicitamente, representaria a extinção do Império, o que de fato veio a acontecer um ano após, com a Proclamação da República (1889) e o sempre triste exílio.

O contexto socioeconômico-cultural dos Estados Unidos da América era completamente diferente daquele do Brasil do século XIX, de maneira que tal argumento, utilizado para a manutenção da escravidão muitos anos após o fim da “Guerra de Secessão”, em que pese que possa ser considerado, por si só não justifica um adiamento tão dilatado.

O texto de “Brasil, coração...” usualmente simplifica excessivamente situações para respaldar postulações de evolução espiritual previamente propostas. Assim, uma vez tendo sido afirmado que Dom Pedro II era um grande missionário, o texto vai se empenhar em defender todas as ações de Dom Pedro II, por mais que esteja óbvio que tal “maniqueísmo” é algo irracional e, portanto, não condizente

com “a fé inabalável”, isto é, “aquela fé que pode encarar a razão face a face em todas as épocas da humanidade”.

Ademais, o texto parece desprezar a inteligência do leitor, sobretudo do leitor espírita, e sua capacidade de analisar criticamente um conteúdo de uma forma geral, avaliando sua coerência e os argumentos associados a cada proposição. Muitas das análises presentemente efetuadas poderiam, inclusive, ser feitas por leitores não espíritas, pois estão associadas a incoerências do texto consigo mesmo e com os fatos e contextos históricos (a divulgação geral, enfática e sem ressalvas de tal obra pode, inclusive, desacreditar importantes lideranças espíritas em relação a qualquer indivíduo com bom senso que realmente leia o texto, seja ele espírita ou não). Além dessas, o texto fica ainda mais fraco à luz da Doutrina Espírita, sem consistir em contribuição sólida à formação doutrinária do estudante do Espiritismo.

Avaliemos os comentários a respeito da Lei do Ventre Livre e as impressões de Dom Pedro II sobre esse acontecimento:

p. 183 *“Foi, pois, com especial agrado, que acompanhou a deliberação de sua filha de sancionar, a 28 de setembro de 1871, a Lei do Ventre Livre, que garantia no Brasil a extinção gradual do cativo, mediante processos pacíficos. Seu grande coração, no âmbito das suas impressões divinatórias, sentia que a abolição se faria nos derradeiros anos do seu governo. Com efeito, a Lei do Ventre Livre não bastara aos espíritos exaltados no sentimento de amor pela abolição completa”.*

Ao afirmar, sobre Dom Pedro II, que “seu grande coração, no âmbito das suas impressões divinatórias, sentia que a abolição se faria nos derradeiros anos de seu governo”, o texto tenta dar um caráter de “acerto espiritual” de certa forma dogmática ao adiamento de Dom Pedro II. Sempre sem explicar nada, sem a menor discussão sobre suas postulações, ao afirmar “no âmbito das suas impressões divinatórias” o texto sugere que Dom Pedro II estava inspirado “por Deus” em manter indefinidamente a escravidão. E é claro que isso é altamente questionável.

Mas o texto, não satisfeito, ainda faz uma afirmação ambígua, que, talvez, poderia até ser interpretada como uma leve crítica aos abolicionistas que não ficaram satisfeitos com tal medida ao invés da abolição total: “Com efeito, a Lei do Ventre Livre não bastara aos espíritos exaltados no sentimento de amor pela abolição completa”. Ora, é claro que os abolicionistas não ficaram totalmente satisfeitos! Perguntaríamos para o leitor amigo: era para ficar?! Essa ação paliativa não alterou efetivamente a situação das crianças que acabavam nascendo nas senzalas, pois seus pais eram escravos e pouca coisa mudou em suas condições de vida e de perspectivas. Todavia, como o texto de “Brasil, coração...” promove excessivamente a “Lei do Ventre Livre”, tem que defendê-la e não fica contente com aqueles que não acharam a medida, naquela altura dos acontecimentos, apropriadas. Para os abolicionistas (e com toda a razão!) já tinha passado, e muito, da hora da abolição total! Isso é claro! Ou não somos cristãos?!

É evidente que para um país que está sendo chamado de “Coração do Mundo, Pátria do Evangelho” tal realidade constitui marca negativa do ponto de vista moral/espiritual. Entretanto, aprendemos com o Espiritismo e com o Evangelho que “Jesus não veio para os sãos, mas para os doentes” e que o primeiro passo para efetivamente passarmos a viver o Evangelho em nossos corações é admitir nossos erros morais, sem fugas psicológicas, para, com sinceridade, sem vaidade ou falsa humildade, trabalharmos para melhorar a nós mesmos.

Desta forma, um livro em coerência com o Evangelho de Jesus e com a Doutrina Espírita não faria um esforço para esconder nossos erros, mas admitiria nossas falhas coletivas até para que nós, estudando o livro, melhorássemos o nosso discernimento para errar cada vez menos. Infelizmente, essa lucidez doutrinária não é observada na obra “Brasil, coração...”.

Como se não bastasse o altamente desconectado capítulo 23, intitulado “A obra de Ismael”, o texto “abre uma espécie de parênteses” estranhíssimo para voltar a contar a história da

Federação Espírita Brasileira. De forma lamentável, o texto volta a contar e promover a referida instituição, de maneira incoerente com a sequência de temas desse capítulo 26 que é denominado “O Movimento Abolicionista”. O que é mais estranho é que já foi redigido um capítulo totalmente incoerente cronologicamente e que não valoriza ilustres trabalhadores espíritas de outras instituições. Com muita dificuldade, constatamos essa situação. Só que agora tudo piora, pois é “enxertado” um novo parágrafo em um capítulo referente à abolição para contar mais e exaltar a Federação Espírita Brasileira. Vejamos o parágrafo:

p.183-184 *“A esse tempo, já Ismael possuía a sua célula construtiva da obra do Evangelho no Brasil, célula que hoje projeta a sua luz de dentro da Federação Espírita Brasileira, e de onde, espiritualmente, junto dos seus companheiros desvelados, procurava unir os homens na grandiosa tarefa da evangelização. Esperando o ensejo de se fixar na instituição venerável, que lhe guarda as tradições e continua o seu santificado labor ao lado das criaturas, a célula referida permanecia com Antônio Luís Sayão e Bittencourt Sampaio, desde 24 de setembro de 1885, até que Bezerra de Menezes, com os seus grandes sacrifícios e indescritíveis devotamentos, eliminasse as mais sérias divergências e aplainasse obstáculos, utilizando as suas inesgotáveis reservas de paciência e de humildade e consolidando a Federação para que se formasse uma organização federativa. Enquanto, lá fora, muitos companheiros da caravana espiritual se deixavam levar por inovações e experiências estranhas aos preceitos evangélicos, o Grupo Ismael esperava uma época de compreensão mais elevada e harmoniosa para o desdobramento de suas preciosas atividades. Todavia, nas lutas pesadas do mundo, Bezerra de Menezes era o impávido desbravador, no seu apostolado de preparação, fraternizando com todos os grupos para conduzi-los, suavemente, à sombra da bandeira do grande emissário de Jesus.”*

Em primeiro lugar, a velha questão sobre as múltiplas funções de Ismael ressurge. E surge, convenhamos, para um triste desfecho. O texto sugere que Ismael finalmente tinha uma sede física para poder trabalhar ao afirmar: “A esse tempo, já Ismael possuía a sua célula construtiva da obra do Evangelho no Brasil, célula que hoje projeta a sua

luz de dentro da Federação Espírita Brasileira...”. Que lamentável é perceber que o suposto mentor do Brasil estava tão limitado assim, pois sem a construção de uma única instituição espírita do ponto de vista físico, de alguma forma, ele se sentia limitado.

A projeção do Evangelho é tarefa para todos os espíritas, cristãos, espiritualistas e até materialistas que sejam homens de bem do Brasil e do Mundo. O Espiritismo, com o trabalho do Movimento Espírita, através de cada espírita consciente, tem uma tarefa importante dentro desse cenário. No entanto, a necessidade de exaltar uma única instituição, e, o que é pior, ainda fazer questão de criticar outros irmãos espíritas que atuavam na época, só que em outras instituições, mais do que triste, do ponto de vista moral, é algo antidoutrinário e desabonador em relação ao próprio texto.

Esse lamentável parágrafo não comenta absolutamente nada sobre as questões que deveriam ser prioritárias no capítulo, ou seja, sobre o desenvolvimento do processo político brasileiro para a abolição da escravidão. Aliás, não chega a comentar nada significativo nem sobre a ação dos espiritualistas e dos espíritas propriamente ditos nesse processo. Mas o que mais choca é o comentário no meio do parágrafo *“Enquanto, lá fora, muitos companheiros da caravana espiritual se deixavam levar por inovações e experiências estranhas aos preceitos evangélicos”*, **sugerindo que boa parte dos participantes do movimento espírita vinculado a instituições, que não eram exclusivamente a FEB, estavam em desvios doutrinários, evangélicos e morais.**

O texto de “Brasil, coração...” continua sua saga de comentários de valor no mínimo duvidoso:

p.185 *“A estatística oficial de 1887 acusava a existência de mais de setecentos e vinte mil escravos em todo o país. O ambiente geral era de apreensão em todas as classes, ante a expectativa da promulgação da lei que extinguiria a escravidão para sempre, o que constituiria duro golpe na fortuna do Brasil. Mas Ismael articula do Alto os elementos necessários à grande vitória. O generoso Imperador é afastado do trono, nos primeiros meses de 1888, sob a influência dos mentores invisíveis da pátria, voltando a Regência a princesa Isabel, que já havia sancionado a lei benéfica de 1871...”*

O texto supracitado não deixa de ser um comentário bem estranho, sobretudo em um livro considerado espírita, pois, estando em pleno ano de 1887, aparentemente para valorizar a ação de Ismael, o texto ousa frisar os pontos supostamente negativos da abolição (nessa altura dos acontecimentos!) afirmando que a *“lei que extinguiria a escravidão para sempre...constituiria duro golpe na fortuna do Brasil”*.

Dom Pedro II era um Espírito missionário ou quem era um Espírito missionário era somente sua filha? Se ambos eram missionários do bem, por que o Imperador foi afastado pelo Plano Espiritual? Ele não tinha autoridade moral e missionária para decretar a Abolição? Se foi por *justa causa*, que nós encarnados desconhecemos, por que não agiu assim muito antes?

Melhor seria se os dirigentes do país estivessem preocupados em fornecer algum recurso material, mesmo que fosse mínimo, de valor simbólico, para os escravos tentarem começar a vida em contextos menos desumanos. Jamais tal preocupação entrou na pauta das preocupações dos dirigentes do país, e muitos escravos saíram da senzala para a mendicância nas cidades. A preocupação parece que era a fortuna dos fazendeiros e, possivelmente, o apoio político deles, que poderia ser perdido por Dom Pedro II.

De fato, depois de decantar, em vários capítulos, todos os predicados espirituais do Imperador Dom Pedro II, o texto aparentemente cai em contradição (mas sem, logicamente, frisar isso explicitamente!). Vejamos:

p. 185 *“...o que constituiria duro golpe na fortuna do Brasil. Mas Ismael articula do Alto os elementos necessários à grande vitória. O generoso Imperador é afastado do trono, nos primeiros meses de 1888, sob a influência dos mentores invisíveis da pátria, voltando a Regência a princesa Isabel, que já havia sancionado a lei benéfica de 1871...”*

Ora, o texto sugere fortemente que o Imperador Dom Pedro II foi afastado do trono para que a abolição ocorresse, dando a entender que a mesma não ocorreria, pelo menos na época em que aconteceu (seria adiada ainda mais?), se a administração do governo não estivesse com a princesa Isabel. Se isso é verdade, nós teríamos mais

um motivo, entre vários outros, para questionar a tão reiterada exaltação espiritual dedicada a Dom Pedro II, que contempla vários capítulos do livro “Brasil, coração...”.

Para exaltar, mais uma vez, a figura de Ismael, vejamos o comentário no penúltimo parágrafo:

p.186 *“Junto do espírito magnânimo da Princesa, permanece Ismael com a bênção da sua generosa e tocante alegria. Foi por isso que Patrocínio, intuitivamente, no arrebatamento do seu júbilo, se arrastou de joelhos até aos pés da Princesa piedosa e cristã”.*

Tamanho culto à personalidade ismaelina, através, inclusive, do registro de manifestações exteriores católicas, como é o caso em tela, é tão exagerado que chega a gerar constrangimentos para nós, leitores espíritas. Tais exageros acabam passando do limite do bom senso.

Vejamos o último parágrafo:

p. 186 *“Os negros e os mestiços do Brasil sentiram no coração o prodigioso potencial de energias da sub-raça, com que realizaram gloriosos feitos de trabalho e de heroísmo, na formação de todos os patrimônios da Pátria do Evangelho...”.*

“Sub-raça”? Essa expressão constitui comentário infeliz para fazermos referência a irmãos espirituais. Interessante notar que não é a primeira vez que determinado grupo de Espíritos é tratado como “raça” no presente texto. Isso não faz sentido em um texto espírita. Aliás, texto espírita supostamente promotor de “união” e “unificação” do movimento espírita brasileiro.

Do ponto de vista científico, o conceito de raça não pode ser aplicado a seres humanos por não existirem genes raciais na nossa espécie, conforme ficou comprovado pelo Projeto Genoma (concluído com sucesso em 2003). Às questões nº 115 e 116 de “O Livro dos Espíritos” o Espiritismo proclama que “Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, ou seja, sem conhecimento, que adquirirão passando pelas provas da vida (progredindo por esforço próprio, segundo a Lei da Evolução)”. Será mesmo que “os negros e os mestiços do Brasil”

sentiram-se como descrito? “Gloriosos feitos de trabalho”... para quem? “Heroísmo”? Sob chibatas?...

O último parágrafo continua:

p. 186 “*E, nessa noite, enquanto se entoavam hosanas de amor no Grupo Ismael e a Princesa imperial sentia, na sua grande alma, as comoções mais ternas e mais doces...*”.

Será que eram “entoados hosanas de amor” apenas “no Grupo Ismael”?

CAPÍTULO 27

A REPÚBLICA

O capítulo 27 começa com uma breve introdução sobre a transição brasileira envolvendo os períodos da “monarquia” e “república”. Após breves comentários introdutórios, o texto destaca uma reunião no mundo espiritual. Jesus teria reunido “*as falanges benditas de Ismael*” (p.188) para fornecer orientações e o narrador comenta “...falou a sua voz, como no crepúsculo admirável do Sermão da Montanha...” **Vejam algumas passagens:**

p. 189 “*Consolidareis o templo de Ismael, para que do seu núcleo possam expandir-se, por toda a extensão territorial da pátria brasileira, as claridades consoladoras da minha doutrina de redenção, de piedade e de misericórdia...*”.

Jesus, em seu Evangelho, afirma à Samaritana (que havia interrogado o Mestre sobre o local em que ela deveria adorar a Deus, na Samaria (no monte Gerizim) ou em Jerusalém (no templo)) e o Mestre teria respondido: “Chegará o dia em que Deus será adorado em Espírito e Verdade”. Em todo o Evangelho, não encontramos passagens que denotam a preocupação de Jesus com a construção e consolidação de “templos”. “Ide e ensinai a todas as criaturas” dizia simplesmente o Mestre. Até porque para viver o Evangelho todo lugar do Universo é templo de Deus. Assim sendo, é muito estranho observar Jesus afirmar “*Consolidareis o templo de Ismael...*”. Aliás, Jesus teria afirmado que o referido templo era “de Ismael”?! Se admitíssemos a realidade do comentário sobre o templo, não seria de esperar que o Mestre falasse algo como, “templo de Amor”, “templo de fraternidade”, “templo da iluminação espiritual”, ou outra coisa do gênero?!

Considerando as dimensões quase continentais do Brasil e que, atualmente, temos mais de 5.500 municípios no Brasil, será que de um único “núcleo” haveria a expansão, “...por toda a extensão territorial da pátria brasileira” das “claridades consoladoras da...doutrina” do Mestre?! Vale lembrar que nem a Sociedade Parisiense de Estudos

Espíritas de Allan Kardec recebeu mensagens que a distinguiam tão enfaticamente. Com todo o respeito que toda e qualquer instituição espírita no mundo físico mereça (e merecem mesmo, vide “O Centro Espírita” de J. Herculano Pires), a instituição é uma célula do Movimento Espírita e tem um valor dependente da qualidade doutrinária, moral e evangélica que é ensinada e vivenciada na respectiva casa. Kardec jamais hipervalorizou as instituições, tanto é que teve problemas na própria Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. O Espiritismo, isto é, a Doutrina, deve dirigir o Movimento Espírita e não o contrário (o Movimento distorcer a Doutrina de acordo com as opiniões meramente pessoais de confrades ou grupo de confrades). Nesse caso, a hipervalorização da instituição espírita parece uma inversão de valores.

p. 189 *“A Nova Revelação não é dada para que se opere a conversão compulsória de César às coisas de Deus, mas para que César esclareça o seu próprio coração, edificando-se no exemplo dos seus subordinados...”*.

Essa passagem é até razoável, mas cabe uma pequena reflexão. Aparentemente, o sentido da palavra “César”, que obviamente faz alusão ao aforismo de Jesus “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”, está ligeiramente distorcido em relação ao sentido original que Jesus forneceu a essa expressão em seu Evangelho. No Evangelho, “César” não seria a antítese de Deus ou das “coisas de Deus” (como sugere o texto de “Brasil, coração...”, a ponto de ser cogitada a sua “conversão”, mesmo que não compulsória “às coisas de Deus”). “César” seria apenas a representação das nossas obrigações materiais e compromissos mais associados à vida física na crosta terrestre. Portanto, no Evangelho, Jesus não está criticando “César”, no sentido que o Mestre dá a essa palavra, pois, se fosse o caso, ele não teria recomendado que “déssemos a César o que é de César”. O Mestre apenas recomenda que, em nossa vida física, tivéssemos equilíbrio e responsabilidade tanto perante nossas obrigações mais associadas ao chamado terra-a-terra como no que se refere às questões mais ligadas às questões espirituais propriamente ditas. Até

porque ambas têm como finalidade nossa evolução espiritual global e não são mutuamente excludentes.

A explanação de Jesus denota que o Mestre vê positivamente a instalação do regime republicano no Brasil. Vejamos:

p. 190 “*A proclamação da República brasileira, como índice da maioria coletiva da nação do Evangelho, há de fazer-se sem derramamento de sangue, como se operaram todos os grandes acontecimentos que afirmaram, perante o mundo, a pátria do Cruzeiro, os quais se desenvolveram sob a nossa imediata atenção*”.

É questionável a afirmativa “...sem derramamento de sangue, como se operaram todos os grandes acontecimentos que afirmaram, perante o mundo, a pátria do Cruzeiro...”, pois a escravidão e a Guerra do Paraguai (que não deixou de contribuir para “afirmar, perante o mundo, a pátria do Cruzeiro”) foram episódios importantes, muito relacionados à política externa brasileira. Ora, admitindo-se essa premissa, não seria adequada a colocação “...sem derramamento de sangue...”.

Continuemos, e identifiquemos, uma vez mais, que Jesus, segundo o texto, estaria aprovando o movimento republicano:

p. 190 “*Acordemos a alma brasileira para a luminosa alvorada desse novo dia!*”.

Dom Pedro II era um homem zeloso de suas obrigações para com nosso país. A proclamação da república não era exatamente vontade popular, e sim de um grupo de militares. O Imperador, destituído do seu trono, não se revoltou, nem tentou impedir a queda da monarquia. Segundo os historiadores, consta que ao deixar o Brasil teria sido ofertada quantia em dinheiro para ele se manter no exílio, o que recusou veementemente. Quanto à “luminosa alvorada desse novo dia” (no regime republicano), ainda não ocorreu, ao contrário, nos anos de agora temos *trevas políticas*, baixíssimos níveis educacionais e triste quadro de desvios dos bens públicos.

De fato, o capítulo passa a narrar o processo associado à proclamação da república propriamente dita (p. 191). De forma contraditória, o texto ora exalta o pensamento republicano e seus

idealizadores brasileiros (“...a 15 de novembro de 1889, com a bandeira do novo regime nas mãos de Benjamin Constant, Quintino Bacaiúva, Lopes Trovão, Serzedelo Correia, Rui Barbosa e toda uma plêiade de inteligências cultas e vigorosas...”), **ora critica o movimento e sua atitude** (“O grande Imperador recebe a notícia com amarga surpresa. Deodoro, que era íntimo do seu coração e da sua casa, voltava-se agora contra as suas mãos generosas e paternais. Todos os ambientes monárquicos pesam esse ato de ingratidão clamorosa, mas a verdade é que todos os republicanos eram amigos íntimos de D. Pedro; quem não lhe devia, no Brasil, o patrimônio de cultura e liberdade?”). **Aparentemente, como o livro “Brasil, coração...” enaltece em vários capítulos a figura de Dom Pedro II, sente-se constrangido a reprovar o movimento republicano que derrubou o Imperador, mesmo que o dia da proclamação da república fosse caracterizado, pelo próprio Jesus (segundo o texto de “Brasil, coração...”), como sendo “a luminosa alvorada desse novo dia”.**

Reforçando a impressão discutida acima, o capítulo é encerrado com uma frase famosa:

p.193 “– Acabou-se a única República que existia na América – o Império do Brasil”.

Portanto, o capítulo é concluído com uma espécie de lamentação, de tristeza com a constatação do fim do Império, mesmo que, poucos parágrafos atrás, Jesus tenha caracterizado tal momento como “a luminosa alvorada desse nova dia”.

A FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

No início do capítulo 28 (p. 195), o texto comenta a respeito dos trabalhos de Ismael após a proclamação da República:

p. 195 “...*Seu primeiro cuidado foi examinar todos os elementos, procurando reafirmar, no seio dos ambientes espiritistas, a necessidade da obra evangélica, no sentido de que ressurgisse a doutrina de tolerância e de amor, de piedade e perdão, do Crucificado*”.

O comentário acima denota que o autor ignora ou não valoriza a Codificação Kardequiana, como deveria ser esperado em um texto espírita. Ora, “a doutrina de tolerância e de amor, de piedade e perdão” de Jesus já tinha ressurgido com a Codificação Kardequiana, com especial destaque para a publicação de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Por conseguinte, não precisaria ressurgir, pois já tinha ressurgido com Kardec. Novamente, trata-se de contradição com o primeiro livro de Humberto de Campos através da mediunidade de Chico Xavier, que é “Crônicas de Além-Túmulo” (Capítulo 21 – “O Grande Missionário”).

Na página seguinte (p. 196), segundo parágrafo do capítulo, o texto comenta o seguinte:

p. 196 “...*O abnegado mensageiro do Mestre, começando o movimento de organização nos primeiros dias de 1889, prepara o ambiente necessário para que todos os companheiros do Rio ouvissem a palavra póstuma de Allan Kardec, que, através, do médium Frederico Júnior, forneceu as suas instruções aos espiritistas da capital brasileira exortando-os ao estudo, à caridade e à unificação*”.

Em um texto adjetivado como é “Brasil, coração...”, causa estranheza que a citação ao Codificador Allan Kardec não tenha nenhuma adjetivação, caracterização ou elogio qualquer ao Mestre Lionês. E isso em um capítulo que começa com “...*O abnegado mensageiro do Mestre*...”, em referência ao Espírito Ismael. Em capítulo anterior, quando Allan Kardec foi citado por primeira vez, tal tendência já havia sido percebida e isso é repetido nesse capítulo 28. Também é estranha a utilização do termo “unificação”, atribuída

ao Mestre de Lyon, para o contexto que o movimento espírita vivia naquele tempo.

O parágrafo subsequente (terceiro parágrafo do capítulo 28) traz as seguintes informações:

p. 28 *“Bezerra de Menezes, que já militava ativamente nos labores doutrinários, recebeu a palavra do Alto com a alma fremente de júbilo e de esperança, e considerou, no campo de suas meditações e de suas preces, a necessidade de se reunir a família espiritista brasileira sob o lábaro bendito de Ismael, a fim de que o mundo conhecesse o Cristianismo restaurado”.*

Obviamente, Bezerra de Menezes foi e é um grandíssimo missionário e é um dos grandes expoentes da história do movimento espírita. Entretanto, o fato de um Espírito encarnado decidir, pessoalmente, como se organizaria a estrutura do movimento espírita consiste em um passo muito grande para qualquer missionário. Quando Allan Kardec passou por dificuldades e dúvidas, consultou os Mentores Espirituais. Isso pode ser observado claramente em “Obras Póstumas”, quando, por exemplo, Allan Kardec é aconselhado a não processar Dom Palau, o bispo de Barcelona que liderou o famoso Auto-de-fé ; ou quando ele recebe orientações sobre sua saúde; ou na ocasião que recebeu esclarecimentos sobre sua missão pessoal, em mensagem de “O Espírito de Verdade”; ou quando solicitou e teve acesso a informações sobre seu sucessor etc. Exceto Jesus, que como diriam Kardec e Eurípedes Barsanulfo, era “o médium de Deus”, todo e qualquer outro mentor não deixa de ser pupilo de Entidades maiores, e temos que admitir que a orientação vem do mundo espiritual para cá e não o contrário. Até porque, de acordo com a Codificação, sabemos que a matéria obstrui as percepções e informações que são acessíveis ao Espírito e, por maior que seja seu discernimento, será menor do que se estivesse no mundo espiritual. De fato, todos os grandes missionários notáveis do movimento espírita recebiam significativa orientação espiritual em diversas circunstâncias problemáticas de suas respectivas. Exemplos não faltam, mas podemos citar, só a título de ilustração, Eurípedes

Barsanulfo, Chico Xavier, Divaldo Pereira Franco, Yvonne Pereira, entre outros.

O texto continua contando a história da instituição-título do capítulo nos parágrafos subsequentes. Já questionamos isso em capítulos anteriores e não vamos alongar tal discussão. Todavia, frisamos que os espíritas de outras instituições poderiam e deveriam ter sido mencionados, considerando que a tarefa de implantação e desenvolvimento do Espiritismo no país caberia e cabe a todo espírita sincero, independentemente de sua vinculação institucional. Além disso, temos que lembrar que a implantação do Evangelho no Brasil não é tarefa exclusiva dos espíritas, mas de todos os espiritualistas e pessoas de bem.

Na página 198, Jesus orienta Ismael. Vejamos:

p.198 “Procurarás, entre todas as agremiações da Doutrina, aquela que possa reunir no seu seio todos os agrupamentos; colocarás aí a tua célula, a fim de que todas as mentalidades postas na direção dos trabalhos evangélicos estejam afinadas pelo diapasão da tua serenidade e do teu devotamento à minha seara...”.

O texto transcrito acima é muitíssimo estranho e contraditório em relação ao próprio texto de “Brasil, coração...”, pois, em vários capítulos anteriores já estava claro que a escolha já havia sido feita muito anteriormente. Na verdade, não teria sido nem uma escolha, mas um projeto já previamente definido no mundo espiritual. Mas, esse texto acima contradiz isso, dando a entender que não havia projeto prévio, mas haveria uma seleção por mérito a partir das instituições que já existiam. De fato, Jesus utiliza o tempo futuro: “Procurarás, entre todas as agremiações da Doutrina, aquela que possa reunir no seu seio todos os agrupamentos...”. É mais uma contradição do texto de “Brasil, coração...” consigo mesmo, entre inúmeras outras.

E o texto continua sua fastidiosa saga comentando uma única instituição espírita (e não o movimento espírita nascente como um todo, e muito menos a história espiritual do Brasil em sua totalidade).

Parece que novamente há uma descontinuidade histórica. O texto chega a citar o endereço da sede física da instituição em questão:

p. 199 “...e a caridade foi e será sempre o inabalável esteio da venerável Instituição que hoje se ergue na avenida Passos...”.

O texto também utiliza expressões grandiloquentes sem maior significado espírita, tais como “santuário” e “trabalhadores do Infinito”:

p.199 “...o Grupo Ismael, que constitui o seu santuário de ligação com os trabalhadores do Infinito...”.

O texto, perdendo o foco em relação a qualquer linha narrativa ou temática, passa a dar orientações organizacionais para o Movimento Espírita de todos os tempos:

p. 200 “...Podem as inquietações da Terra separar, muitas vezes, os trabalhadores humanos no seu terreno de ação, mas a sociedade benemérita, onde se ergue a flâmula luminosa – “Deus, Cristo e Caridade” – permanece no seu porto de paz e de esclarecimento. A sua organização federativa é o programa ideal da Doutrina no Brasil, quando chegar a ser integralmente compreendido por todas as agremiações de estudos evangélicos no país”.

No penúltimo parágrafo do capítulo 28, o texto, novamente, comenta algo a priori muito inusitado, aparentemente tomando partido da instituição-título do capítulo, no que se refere possivelmente a polêmicas doutrinárias (o que fica implícito no texto). O narrador comenta sobre a opinião a respeito da instituição-título do capítulo por parte de outros grupos doutrinários, os quais somente agora apareceram na história (vale ressaltar um detalhe: logo no início do texto, é afirmado “antiga Instituição”; ora, isso é estranhíssimo, pois estamos ainda na transição dos séculos e a instituição não é antiga, da perspectiva do narrador da história):

p.200 “A realidade é que, considerada às vezes como excessivamente conservadora, pela inquietação do século, a respeitável e antiga Instituição é, até hoje, a depositária e diretora de todas as atividades evangélicas da pátria do Cruzeiro. Todos os grupos doutrinários, ainda

os que se lhe conservam contrários, ou indiferentes, estão ligados a ela por laços indissolúveis no mundo espiritual”.

Sem dúvida, todas as instituições espíritas são, ou deveriam ser, unidas no ideal espírita. Mas todas, sem exceção, têm elevadas responsabilidades evangélico-doutrinárias. Acreditar e frisar que uma única instituição é “a depositária e diretora de todas as atividades evangélicas da pátria do Cruzeiro”, não deixa de ser comentário muito questionável sob quaisquer aspectos nos quais possam ser analisados.

CAPÍTULO 29

O ESPIRITISMO NO BRASIL

Na segunda página do capítulo 29, o quinto parágrafo faz algumas afirmativas questionáveis. Analisemos:

p.204 *“Enquanto na Europa a ideia espiritualista era somente objeto de observações e pesquisas nos laboratórios, ou de grandes discussões estéreis no terreno da Filosofia, não obstante os primores morais da Codificação kardequiana, o Espiritismo penetrava o Brasil com todas as suas características de Cristianismo Redivivo, levantando as almas para uma nova alvorada de fé”*.

Pode-se perceber que a história brasileira estacionou no fim do século XIX, chegando no máximo à transição do século XIX para o século XX há alguns capítulos. Portanto, o texto, nesse momento, ainda diz respeito à transição do século XIX para o século XX.

Realmente, é inegável que a religiosidade previamente adquirida e cultivada pelo povo do Brasil gerou condições propícias para que a Doutrina Espírita conseguisse ser implantada e crescer em nosso país. O Cristianismo dominante e as contribuições religiosas de origens indígena e africana, além do crescimento cultural principalmente dos grandes centros brasileiros no fim do século XIX, forneceram as condições básicas para que o Espiritismo pudesse sensibilizar muitos pioneiros. Ocorre que o texto desmerece as contribuições europeias nas áreas científicas e filosóficas, além de restringir a contribuição dos europeus a essas áreas, sem considerar uma eventual, mesmo que menor, participação no avanço do pensamento religioso. Vejamos:

p.204 *“...na Europa a ideia espiritualista era somente objeto de observações e pesquisas nos laboratórios, ou de grandes discussões estéreis no terreno da Filosofia, não obstante os primores morais da Codificação kardequiana, o Espiritismo penetrava o Brasil com todas as suas características de Cristianismo Redivivo...”*.

O narrador esquece o grande número de extraordinários missionários continuadores do trabalho de Allan Kardec que atuavam ativamente nessa época. Ignorar, no caso religioso, e não valorizar nas esferas filosófica e científica, a contribuição desses grandes continuadores do pensamento kardequiano não parece ser comentário justo. Até porque o tríplice aspecto da Doutrina Espírita é

interdependente, isto é, não possível uma separação cabal entre os três aspectos doutrinários.

Só para termos uma ideia, podemos lembrar que os dois maiores apóstolos do Espiritismo estavam atuando intensamente na Europa nessa época: Léon Denis, centrado sobretudo nas implicações filosóficas da Doutrina Espírita, mas não somente nelas (vide, por exemplo, a monumental obra “Cristianismo e Espiritismo”, claramente de conteúdo filosófico-religioso, mas centrada na questão religiosa); e Gabriel Delanne, que desenvolveu pesquisas espíritas de alta relevância para a comprovação da imortalidade da alma e compreensão do fenômeno mediúnico, além da questão reencarnatória. Mas não somente os dois maiores apóstolos do Espiritismo posteriores a Allan Kardec, os quais, comente-se de passagem, são citados no próprio “Brasil, coração...” no capítulo 22 (seria mais uma contradição do texto?), mas também Camille Flammarion (igualmente citado no capítulo 22) e Gustave Geley, Cesare Lombroso, Arthur Conan Doyle, entre outros. Denis, Delanne, Flammarion e Geley, por exemplo, desencarnariam somente em meados da década de 20, portanto na virada do século XIX para o século XX estavam no auge de suas contribuições ao movimento espírita. E poderíamos citar muitos outros, tais como José Maria Fernandez Colavida (o “Kardec Espanhol”) e o Conde Albert de Rochas etc.

Portanto, desvalorizar o trabalho desses missionários com comentários como, por exemplo, “*grandes discussões estéreis no terreno da Filosofia*”, é algo inadequado em texto espírita. Ademais, denota uma visão “separatista” dos três aspectos da Doutrina Espírita, o que não corresponde à realidade.

Ainda no mesmo parágrafo, há outro comentário questionável:

p. 204 “...e é por isso que todos os grupos sinceros do Espiritismo, no país, têm as suas águas fluidificadas, a terapêutica do magnetismo espiritual, os elementos da homeopatia, a cura das obsessões, os auxílios gratuitos no serviço de assistência aos necessitados...”.

Em que pese o nosso grande respeito à homeopatia, e o conhecimento da realidade de que muitos espíritas utilizam a terapêutica homeopática, colocar a homeopatia ao lado dos trabalhos convencionais da Casa Espírita não deixa de constituir perigosa adição. Apesar de Hahnemann ter sido um dos Espíritos que contribuiu com a Codificação Kardequiana, a homeopatia não deve ser considerada prática usual dos Centros Espíritas.

Na verdade, essa é a segunda vez que significativa referência à homeopatia é feita no texto de “Brasil, coração...”, só que essa segunda pareceu-nos ainda mais contundente e equivocada do que a primeira (por isso, não citamos a anterior, inserta no capítulo 23 – “A Obra de Ismael”, terceiro parágrafo). No entanto, dentro desse contexto, transcreveremos a respectiva passagem para análise dos leitores:

p.162 (cap. 23, terceiro parágrafo) *“Nas suas luminosas pegadas, seguiram, mais tarde, outros pioneiros da Homeopatia e do Espiritismo, na Pátria do Evangelho. Foram eles, os médicos homeopatas, que iniciaram aqui os passes magnéticos, como imediato auxílio das curas. Hahnemann conhecia a fonte infinita de recursos do magnetismo espiritual e recomendava esses processos psicoterápicos aos seus seguidores”.*

Retornando à página 204, outra colocação questionável do ponto de vista doutrinário:

p. 204 *“Não é raro vermos caboclos que engrolam a gramática nas suas confortadoras doutrinações, mas que conhecem o segredo místico de consolar as almas...”.*

Apesar de respeitarmos sinceramente o trabalho dos vários movimentos espiritualistas, a colocação, que podemos inferir como uma (no mínimo) sutil referência à umbanda, merece uma certa atenção. Ademais, a expressão “o segredo místico” também acaba piorando o texto como um todo.

Portanto, no mesmo parágrafo, o texto, a priori, mistura Espiritismo, Homeopatia e Umbanda (e talvez, indiretamente, outros

movimentos do sincretismo africanista no Brasil), sem maiores explicações.

No parágrafo seguinte (sexto parágrafo), o texto volta a valorizar o trabalho espírita do Brasil, em detrimento do trabalho espírita da Europa:

p. 205 “*A Europa recebeu a Nova Revelação sem conseguir aclimá-la no seu coração atormentado pelas necessidades mais duras. As próprias sessões mediúnicas são ali geralmente remuneradas, como se esses fenômenos se processassem tão-somente pelas disposições estipuladas num contrato de representações, enquanto no Brasil, todos os espíritistas sinceros repelem o comércio amoedado, nas suas sagradas relações com o plano invisível, conservando as intenções mais puras no hostiário da sua fé*”.

Em primeiro lugar, o texto continua ignorando o trabalho de abnegados seareiros espíritas, tais como Léon Denis e Gabriel Delanne, que desencarnaram praticamente cegos e doentes em função de trabalho hercúleo em prol da Doutrina Espírita. Léon Denis, por exemplo, somente veio a desencarnar muitos anos após a virada do século, no dia 12 de Abril de 1927, tendo trabalhado até seus últimos dias de vida tal como ocorrera com Gabriel Delanne (que desencarnou em 15 de Fevereiro de 1926) e Gustave Geley (que desencarnou precocemente, 14 de Julho de 1924, aos 56 anos de idade, em desastre de avião quando voltava para a França após participar de reunião de materializações na Polônia. Detalhe: após haver assistido, em Varsóvia, a várias sessões com Franek Kluski, retirado dos destroços, ainda segurava a valise que continha fragmentos de moldes em parafina obtidos nas sessões de materializações).

O texto comete uma grosseira incoerência para valorizar o trabalho brasileiro, afirmando “...*enquanto no Brasil, todos os espíritistas sinceros repelem o comércio amoedado, nas suas sagradas relações com o plano invisível*”. Ora, “*todos os espíritistas sinceros*” do mundo inteiro, sem exceção, “*repelem o comércio amoedado, nas suas sagradas relações com o plano invisível*”, ou não seriam espíritas, muito menos sinceros! Qualquer trabalho, mediúnico ou não, que gera renda financeira para

quem quer que seja, não é trabalho espírita! Quanto mais trabalho de “*espiritistas sinceros*”. Para diminuir a importância do trabalho espírita europeu em relação ao brasileiro, não é usado para os europeus, a expressão “*espiritistas sinceros*”. O comentário sobre os europeus é, portanto, geral e estaria no vasto campo do espiritualismo/mediunismo, não se restringindo ao Espiritismo. Pois é óbvio que existiam muitos “*espiritistas sinceros*” na Europa.

Para concluir esse complicadíssimo parágrafo ressaltamos a expressão “hostiário da sua fé”, denotando, uma vez mais, o uso excessivo de expressões tipicamente católicas.

No sétimo parágrafo do capítulo 29, o texto tenta explicar os problemas do movimento espírita:

p. 205-206 “...as entidades perturbadoras se aproveitam dos elementos mais acessíveis da natureza humana para fomentar a discórdia, o demasiado individualismo, a vaidade e a ambição, desunindo as fileiras que, acima de tudo, deveriam manter-se coesas para a grande tarefa da educação dos Espíritos, dentro do amor e da humildade. A essas forças, que tentam a dissolução dos melhores esforços de Ismael e de suas valorosas falanges do Infinito, deve-se o fenômeno das excessivas edificações particularistas do Espiritismo no Brasil, particularismos que descentralizam o grande labor da evangelização. Mas, examinando semelhante anomalia, somos forçados a reconhecer que Ismael vence sempre. Construídas essas obras, que se levantam com pronunciado sabor pessoal, o grande mensageiro do Divino Mestre as assinala imediatamente com o selo divino da caridade, que, de fato, é o estandarte maravilhoso a reunir todos os ambientes do Espiritismo no país, até que todas as forças da Doutrina, pela experiência própria e pela educação, possam constituir uma frente única de espiritualidade, acima de todas as controvérsias”.

O texto de “Brasil, coração...”, como já foi comentado, é contraditório em relação ao papel de Ismael na espiritualidade. Todavia, aparentemente (analisando todo o conjunto dos capítulos muitas vezes contraditórios), podemos inferir que o livro tentou passar uma função de liderança tríplice para Ismael: do Brasil; do

Movimento Espírita Brasileiro; e de uma instituição espírita em particular. Sendo assim, é algo desagradável observar que no parágrafo transcrito acima, o texto parece vincular Ismael somente à Federação Espírita Brasileira, para criticar grande parte de todo o restante do movimento espírita brasileiro, sobretudo os confrades que não concordam totalmente com as opiniões doutrinárias dessa instituição. O texto passa a ideia de que quem não concorda com as respectivas liderança e centralização estaria obsedado, e essa obsessão seria causada por uma série de mazelas morais por parte desses confrades de opiniões diferentes.

Ademais, é repetida uma frase que já foi pronunciada em capítulo anterior:

p. 206 “...somos forçados a reconhecer que Ismael vence sempre...”.

Talvez fosse melhor enfatizar que “Jesus vence sempre”. Melhor ainda seria: “... o Bem vence sempre”

Vale lembrar que temos a realmente certeza da Vitória Total do Bem e de Jesus! Mas, essa Vitória não será implantada na Terra por “decreto”. Leon Denis afirma logo no início de “No Invisível” que “O Espiritismo será aquilo que os homens fizerem dele”. Assim, somente com o estudo sério e a troca sincera de ideias e informações “conhecemos a Verdade para que ela liberte-nos”.

No parágrafo seguinte (oitavo parágrafo do capítulo 29), ainda na página 206, é reforçada a ideia da vitória de Ismael mais uma vez:

p. 206 “É para essa grande obra de unificação que todos os emissários cooperam no plano espiritual, objetivando a vitória de Ismael nos corações. E os discípulos encarnados bem poderiam atenuar o vigor das dissensões esterilizadoras, para se unirem na tarefa impessoal e comum, apressando a marcha redentora”.

Em relação à recomendação do texto “E os discípulos encarnados bem poderiam atenuar o vigor das dissensões esterilizadoras, para se unirem na tarefa impessoal e comum, apressando a marcha redentora”, estamos de acordo. A questão é saber se o texto quer que apenas os que não

concordam com a instituição de Ismael cedam ou se todos, sem exceção, têm que ceder um pouco?

O parágrafo continua com uma análise estranha fazendo uma forte correlação entre Espiritismo e Catolicismo. Além disso, novamente o texto afirma que os erros da Igreja Católica foram gerados por um “determinismo histórico”, procurando, uma vez mais, isentar a Igreja Católica de seus vários problemas durante a história. O narrador prevê um grande avanço da Igreja Católica que, até hoje, 77 anos após a publicação de “Brasil, coração...”, não aconteceu, e que, ademais, discorda fortemente da opinião da “Falange do Espírito de Verdade”, conforme fica claro em “Obras Póstumas” de Allan Kardec. É constrangedor perceber a identificação do texto com o catolicismo, em um livro que supostamente deveria estar associado à união e unificação do Movimento Espírita Brasileiro. Vejamos:

p. 206 “...*Nas suas fileiras respeitáveis, só a desunião é o grande inimigo, porque, com referência ao Catolicismo, os padres romanos, com exceção dos padres cristãos, se conservam onde sempre estiveram, isto é, no banquete dos poderes temporais, incensando os príncipes do mundo e tentando inutilizar a verdadeira obra cristã. Os espiritistas bem sabem que se eles constituem sérios empecilhos à marcha da luz, todos os obstáculos serão, um dia, removidos para sempre do caminho ascensional do progresso. Além disso, temos que considerar que a Igreja Católica se desviou da sua obra de salvação, por um determinismo histórico que a compeliu a colaborar com a política do mundo, em cujas teias perigosas a sua Inquisição ficou encarcerada e que, examinada a situação, não é possível desmontar-se a sua máquina de um dia para o outro. Sabemos, porém, que a sua fase de renovação não está muito distante. Nas suas catedrais confortáveis e solitárias e nos seus conventos sombrios, novos inspirados da Úmbria virão fundar os refúgios amenos da piedade cristã”.* Consideramos estranha a frase: (...)incensando os príncipes do mundo e tentando inutilizar a verdadeira obra cristã. **Padres podem ser fiéis às máximas e regras católicas, acreditando nelas, praticando-as e pensando que estão certos e em paz com a consciência. Pode-se considerar que alguns indivíduos, mesmo agindo assim, aproveitam-se do poder temporal que detêm e cometem deslizes, alguns**

imperdoáveis. Até aí, temos o ser humano e suas mazelas. Entretanto, dizer que alguém torna-se padre, bajula os superiores e tenta inutilizar a obra de Jesus, consiste em extrapolação.

No parágrafo subsequente, o texto é um tanto prolixo, e parece sugerir um flerte de Ismael com a reforma da Igreja Católica, que havia sido prevista no parágrafo anterior como já foi demonstrado. Quer dizer, além de sua Instituição espírita, do Movimento Espírita Brasileiro, do Brasil de uma forma geral, Ismael também consideraria reformar a Igreja Católica. O Movimento Espírita Brasileiro e Nacional era Movimento nascente, que obviamente não precisava ser reformado, mas sim implantado. A reforma dentro do “espiritualismo”, como o texto comenta na segunda linha, está associado à Igreja Católica que era o foco principal do capítulo anterior. Analisemos:

p.207 “Depreende-se, portanto, que a principal questão de espiritualismo é proclamar a necessidade da renovação interior, educando-se o pensamento do homem no Evangelho, para que o lar possa refletir os seus sublimados preceitos. Dentro dessa ação pacífica de educação das criaturas, aliada à prática genuína do bem, repousam as bases da obra de Ismael, cujo objetivo não é a reforma inopinada das instituições, impondo abalos à Natureza, que não dá saltos...”

No parágrafo seguinte (o último da página 207), Ismael parece perder o foco no Espiritismo nascente para falar de reforma de Instituições, sugerindo, dentro do contexto do capítulo, que está comentado sobre o movimento espiritualista, sobretudo o católico. Vejamos:

p. 207 “...Os que desejarem impor no seu compreensível entusiasmo de crenças, os preceitos do Mestre às instituições estritamente humanas, talvez ainda não tenham ponderado que a obra cristã espera, há dois milênios, a compreensão do mundo”

Ora, a Doutrina Espírita não nasceu no século XIX para esclarecer e resgatar a essência dos preceitos do Mestre?! Ele está falando de implantar o Verdadeiro Evangelho no Espiritismo ou no Espiritualismo, (catolicismo)?

Na página 208, ele continua sua reflexão um tanto confusa:

p.208 *“Todos os que lutaram por ela de armas na mão e quantos pretenderam utilizar-se dos processos de força para a imposição dos seus ensinamentos, no transcurso dos séculos, tarde reconheceram a sua ilusão...”*.

Na página 208, penúltimo parágrafo, o texto afirma:

p.208 *“...os espiritistas do Brasil devem reunir-se, a caminho da vitória plena de Ismael em todos os corações.*

Mais uma vez, o texto comenta alguma meta relacionada à “vitória de Ismael”, esquecendo-se de Jesus e de Kardec, em última análise: do Bem.

Vejamos o fechamento do penúltimo parágrafo:

p.208 *“Está claro que a Doutrina não poderá imitar as disciplinas e os compromissos rijos da instituição romana, porque, nas suas características liberais, o pensamento livre, para o estudo e para o exame, deve realizar uma das suas melhores conquistas e nem é possível dispensar, totalmente, a discussão no labor de aclaramento geral. A liberdade não exclui a fraternidade, e fraternidade sincera é o primeiro passo para a edificação comum”*.

Em algum momento Kardec e a “Falange do Espírito de Verdade” considerou imitar a igreja católica?! Em algum momento Kardec e os mentores espirituais da Doutrina Espírita consideraram *“dispensar, totalmente, a discussão no labor de aclaramento geral”*. Na Doutrina da Fé racionada isso seria possível?!

CAPÍTULO 30

PÁTRIA DO EVANGELHO

Chegamos ao último capítulo de “Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho”. E o terceiro parágrafo do respectivo capítulo explicita o que já tínhamos detectado. Analisemos:

p. 209 “*Todavia, com o seu grande feito de 15 de novembro de 1889, terminamos este resumo, à guisa de História*”.

Portanto, o livro prossegue como se jamais tivesse adentrado o século XX. Percebemos, há vários capítulos, que aparentemente a evolução da análise histórica foi interrompida. Além disso, o texto comenta “o seu grande feito de 15 de novembro de 1889”, caindo em contradição com comentários do final do capítulo 27, no qual lamenta a instauração da república. Só para exemplificar tal assertiva, lembremos o fechamento do capítulo 27:

p.193 “—*Acabou-se a única República que existia na América – o Império do Brasil*”.

Na transição da página 209 para a página 210, o texto faz uma espécie de *mea culpa* em relação a eventuais limitações da obra, em uma análise que não contribui significativamente para esclarecer os porquês dos problemas da obra.

Uma análise questionável a respeito da interação entre brasileiros e imigrantes japoneses e alemães e suas respectivas atuações é apresentada no oitavo parágrafo do capítulo. Analisemos:

p. 211 “*Se muitas escolas existem no Sul, onde somente se ensina o idioma alemão, em muitos casos é porque os professores do Brasil não se decidiram a enfrentar as surpresas da região, a fim de zelarem pelo patrimônio intelectual dos novos operários da pátria. Se algumas dezenas de agrônomos vieram diretamente de Tóquio para os riquíssimos vales do Amazonas, é que os agrônomos brasileiros não se animaram a trabalhar no sertão hostil, receosos do sacrifício*”.

No nono parágrafo, o texto muda significativamente o foco de todo o livro ao fazer uma análise do marxismo em comparação com o capitalismo, criticando o marxismo. Considerando que se trata da penúltima página do livro, parece ser uma análise um pouco descontextualizada do restante do livro.

No décimo parágrafo, o texto desculpa-se por não discutir a fase republicana com um argumento também questionável, principalmente se considerarmos que a república iniciou em 1889 e o livro “Brasil, coração...” foi publicado em 1938 (portanto, quase 50

anos depois). Ademais, o texto cai em contradição consigo mesmo, mais uma vez, pois no capítulo 28 (“A Federação Espírita Brasileira”) comenta fatos acontecidos na última década do século XIX e chega ao limiar do século XX. Analisemos o décimo parágrafo do último capítulo de “Brasil, coração...” (cap. 30 – Pátria do Evangelho):

p.212 “*Não nos deteremos a falar, depois da República, de quantos se encontram ainda no cenáculo das atividades e dos feitos do país, porquanto semelhante ação de nossa parte constituiria uma intervenção indébita nas iniciativas e empreendimentos dos “vivos”*”.

Na última página, Jesus é citado no penúltimo parágrafo do livro; e “as falanges de Ismael” recebem o destaque do último parágrafo. Allan Kardec não foi lembrado.

ANÁLISE FINAL

O texto de “Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho” é marcado por diversos problemas. Alguns conceitos, que aparecem reiteradas vezes em todo o livro, são frisados sempre de forma exagerada e excessivamente adjetivada. Além disso, o texto cai em contradições a todo momento e é difícilíssimo retirar informações de

elevado valor doutrinário de qualquer um de seus 30 capítulos. Em uma tentativa de resumir os principais problemas, poderíamos mencionar:

- ausência de conteúdo doutrinário de qualidade e em significativa quantidade. Realmente, é muito difícil extrair informações espirituais significativas, que apresentem coerência doutrinária, e que possam, conseqüentemente, contribuir na construção de nosso conhecimento espírita;

- catolicismo exagerado. Exaltando não somente os padres, mas símbolos, hábitos, objetos e linguagem tipicamente católicos em todo o texto;

- jesuitismo exagerado. Exaltação de padres jesuítas e da “Companhia de Jesus”, a qual é destacada em diversos capítulos;

- lusitanismo exagerado. A título de exemplo, poderíamos lembrar que o povo português é considerado, estranhamente e sem maiores argumentações, “o povo mais trabalhador” e também “o mais humilde” da Europa;

- brasileirismo exagerado. Esse patriotismo exacerbado gerou, inclusive, interpretações mui questionáveis referentes à nossa história;

- Ismaelismo exagerado. Excesso de culto à personalidade e ao poder ismaelismo;

- O confuso papel espiritual de Ismael. Além de diretor de uma instituição, é mentor do Movimento Espírita Brasileiro e de todo o Brasil. De fato, dependendo do contexto, o texto enfatiza um ou outro papel para Ismael. Para aumentar a confusão, o texto aparentemente sugere que Ismael chegou a considerar trabalhar na reforma da Igreja Católica, que o próprio texto prevê ocorrer de forma bem-sucedida no futuro (?!);

- “Febianismo” exagerado. Em uma discussão proselitista, buscando, em vários capítulos, não apenas que os espíritas respeitassem a FEB, o que seria muito razoável, mas que fossem cegamente subservientes à liderança da FEB, de uma forma até certo ponto imposta e dogmática,

como se a referida Instituição não estivesse também sujeita a erros como qualquer outra Instituição espírita;

- **Roustainguismo.** Poderíamos até afirmar que, como a menção a Roustaing ocorre em um único tópico, e que, na sua pressuposta missão, Roustaing, nessa hipótese, teria fracassado, que esse equívoco não foi uma postura exagerada do texto, como ocorre em todas as outras falhas anteriores. Por outro lado, uma única citação a esse autor já é suficiente para prejudicar significativamente a obra. De qualquer forma, a utilização dessa citação tem sido extremamente exagerada pelos adeptos de Roustaing e, em alguns casos, pelos próprios diretores da FEB. Portanto, buscando respaldo na credibilidade ímpar do Apóstolo Chico Xavier, roustainguistas recorrem repetidamente a essa citação.

- **Tendência ao sincretismo religioso e à confusão doutrinária.** Associando o trabalho espírita à Homeopatia e às práticas do sincretismo africanista, além das evidentes marcas e apologias católicas em todo o texto, o texto demonstra não apresentar rigor doutrinário. Assim, acaba fomentando inferências equivocadas do ponto de vista da interpretação doutrinária e das práticas das casas espíritas;

- **Exaltação excessiva em relação ao nível espiritual de personagens históricas,** tais como Fernão Dias e Dom Pedro II, ignorando ou relativizando excessivamente falhas graves conhecidas historicamente e algumas delas destacadas pelo próprio texto;

- **Afirmativas muito questionáveis à luz da Doutrina Espírita,** atribuída a nosso Mestre Maior Jesus de Nazaré;

- **Comentários infelizes, sobretudo em um livro espírita,** concernentes a episódios muito tristes de nossa história. Buscando muitas vezes defender incompreensivelmente alguns protagonistas, através de elogios a atitudes claramente negativas, como os quase quatro séculos de escravidão e a guerra do Paraguai;

- **Adjetivação excessiva de uma série de personagens do livro,** sobretudo Ismael, contrastando com a inexpressiva adjetivação

relacionada a Allan Kardec nas pouquíssimas vezes que o nome do ilustre Codificador do Espiritismo foi mencionado no texto;

- **Contradição intrínseca ao próprio texto e em relação ao Espiritismo.** A obra apresenta um número incontável de contradições intrínsecas (assertivas de um capítulo contradizendo declarações de outro capítulo e, em muitos casos, afirmativas contraditórias dentro do mesmo capítulo ou do mesmo parágrafo), como, por exemplo, a análise da transição entre os períodos do Império e da República. Ademais, graves contradições com as bases doutrinárias do Espiritismo;

- **Falta de sequência cronológica e Total ausência de foco narrativo,** fazendo com que o livro pareça a fusão de textos completamente diferentes (a primeira parte, do capítulo primeiro até o capítulo 21, na qual o texto segue uma linha narrativa mais condizente com a proposta do livro (estabelecida na Introdução de Humberto de Campos e no prefácio) em que pese suas eventuais contradições e falhas doutrinárias; e a segunda parte do capítulo 22 até o fim do livro, sobretudo até o capítulo 29, em que o livro parece muito mais a história da Federação Espírita Brasileira do que a história do Brasil.

Assim sendo, a ampla divulgação desse livro, em detrimento de obras muito mais consistentes doutrinariamente, como referência para a união e unificação do Movimento Espírita não é atitude passível de ser aprovada como ação promotora de qualidade doutrinária e união do movimento espírita por parte de qualquer espírita que tenha lido “Brasil, coração...” prestando uma atenção mínima.

Aliás, a proposta de intercâmbio de ideias e informação entre as casas tem suas bases em Allan Kardec e prescinde da contribuição do livro “Brasil, coração...”.

Por outro lado, não questionamos a ideia básica do título da obra. Entretanto, percebemos que a ideia título da obra, juntamente com o respaldo do nome do maior médium de todos os tempos, Chico Xavier, tem sido usado indebitamente para apoiar propostas insertas em “Brasil, coração...” que não resistem à menor análise.

Com relação à liderança da Federação Espírita Brasileira, todos nós a respeitamos. E respeitamos por ter publicado obras de grande valor doutrinário de médiuns como Chico Xavier, Yvonne Pereira, Divaldo Franco, entre outros autores. Respeitamos também pela promoção e/ou divulgação de palestras de alto significado doutrinário, tais como as várias conferências de Divaldo P. Franco e J. Raul Teixeira. Respeitamos por sua ação na caridade e na divulgação de trabalhos de elevado conteúdo evangélico-doutrinário. Portanto, nós respeitamos a referida instituição por sua contribuição legítima à divulgação doutrinária de qualidade. É essa divulgação de qualidade que respalda o trabalho da Federação Espírita Brasileira assim como respalda qualquer casa espírita bem orientada. Nenhuma casa é a priori iluminada! Todo e qualquer Centro Espírita torna-se respeitável se se fizer digno de respeito pelas atitudes e legados que representem claramente seu amor e comprometimento com a Doutrina Codificada por Allan Kardec e com o Evangelho de Jesus.

Nosso Mestre Maior Jesus de Nazaré afirmou: “Aquele que quiser ser o maior, que seja o servo de todos”, e também: “Dá conta de tua administração!”. Os trabalhadores e as instituições com maior destaque como “formadores de opinião” doutrinária deveriam ser aqueles que maior cuidado crítico, e principalmente autocrítico, com especial destaque às obras que divulgam como textos doutrinários.

Assim sendo, para qualquer espírita minimamente esclarecido, uma divulgação maciça de uma obra que contém sérios problemas doutrinários e de ausência de mínima coerência não está aumentando a legitimidade da liderança natural que a Federação Espírita Brasileira exerce no Movimento Espírita Brasileiro, mas, ao contrário, está prejudicando tal papel de grande e gravíssima responsabilidade. A intensa divulgação do livro “Brasil, coração...”, inclusive com cursos Ead (Ensino à distância), não nos parece razoável, até porque há um número incontável de obras de maior conteúdo doutrinário, publicadas pela própria Federação Espírita Brasileira, que poderiam ser mais difundidas no Movimento Espírita.

CONCLUSÃO

Chico Xavier é o maior médium de todos os tempos. E Francisco Cândido Xavier é tudo isso por diversas razões. E um desses inúmeros motivos é, sem favor algum, o elevadíssimo nível de qualidade doutrinária de suas quase 500 obras psicográficas.

A partir da análise dos trinta capítulos de “Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho”, é possível concluir que,

extraordinariamente, “Brasil, Coração...” não mantém esse nível de excelência.

Acreditamos que, justamente por termos aprendido Doutrina Espírita com os livros de Allan Kardec e Chico Xavier, entre outros, é que nossa capacidade crítica não permite que aceitemos uma série de passagens da obra “Brasil, coração...”.

Dentro da proposta do presente trabalho, não nos cabe especular sobre os motivos de tal discrepância em termos de qualidade doutrinária. Tal questão jamais constituiu o objetivo dessa análise. Nosso trabalho representa apenas uma avaliação circunscrita aos 30 capítulos de “Brasil, coração...”, os quais consideramos passíveis de crítica, à luz da Doutrina Espírita.

Tenhamos, portanto, mais cuidado em nossas citações elogiosas, incluindo a obra presentemente analisada, para que nossa contribuição em relação à Doutrina

Espírita e ao Movimento Espírita seja realmente produtiva para “o conhecimento da Verdade que liberta”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CAMPOS, Humberto de. [psicografado por Francisco Cândido Xavier]. **Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho**. Brasília, DF. 33 ed. Federação Espírita Brasileira (FEB). 2010.

_____. [psicografado por Francisco Cândido Xavier]. **Crônicas de Além-Túmulo**. Brasília, DF. 13 ed. Rio de Janeiro; Federação Espírita Brasileira (FEB). 1998.

_____. [psicografado por Francisco Cândido Xavier]. **Boa Nova**. Brasília, DF. 32 ed. Federação Espírita Brasileira (FEB). 2004.

CARLOS, Luiz de Saules. **Revolta de Beckman**: resumo, causas, o que foi, líderes. Disponível em: <http://www.historiadobrasil.net/resumos/revolta_de_beckman.htm>. Acesso em: 28 jun. 2015.

CARVALHO, J.M. **D. Pedro II**: ser ou não ser. Companhia das Letras, 2007.

DENIS, Leon. **No Invisível**. Tradução de Maria Lucia Alcântara de Carvalho. Rio de Janeiro, RJ. 2 ed. Centro Espírita Léon Denis (CELD). 2011.

EMMANUEL [psicografado por Francisco C. Xavier]. **A Caminho da Luz**. Rio de Janeiro, RJ. 9 ed. Federação Espírita Brasileira (FEB). 1972.

_____. [psicografado por Francisco C. Xavier]. **Emmanuel**. Rio de Janeiro, RJ. 7 ed. Federação Espírita Brasileira (FEB). 1970.

FABER, M.E.E. **Escravidão**. Disponível em: <<http://www.historialivre.com/brasil/escravidaao.htm>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

FRANCO, Divaldo P. **Divaldo Franco Responde**: Mediunidade. Centro Espírita “Nosso Lar” – “Casas André Luiz”. 1999.

GARCIA, Rodrigo. **Eles desbravavam o sertão e faziam leis**. Disponível em: <http://www2.camara.sp.gov.br/apartes/09/revista_apartes_AGO14>. Acesso em: 28 jul. 2015. *

HOLANDA, S. B. **Capítulos de História do Império**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010. p. 142.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Médiuns**. Tradução da Segunda Edição francesa por J. Herculano Pires. São Paulo, SP. 1 ed. Livraria Allan Kardec Editora Ltda. (LAKE). 1973.

_____. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Tradução de J. Herculano Pires. São Paulo, SP. 1 ed. Editora Três (Biblioteca Planeta). 1973.

_____. **Obras Póstumas**. Tradução de João Teixeira de Paula (Introdução e Notas de J. Herculano Pires). São Paulo, SP. 12 ed. Livraria Allan Kardec Editora Ltda. (LAKE). 1998.

LUIZ, André. [psicografado por Francisco C. Xavier]. **Ação e Reação**. Brasília, DF. 30 ed. Federação Espírita Brasileira (FEB). 2013.

_____. [psicografado por Francisco C. Xavier]. **Os Mensageiros**. Brasília, DF. Primeira Edição Especial. Federação Espírita Brasileira (FEB). 2003.

MIRANDA, Manoel P. [psicografado por Divaldo P. Franco]. **Tormentos da Obsessão**. Salvador, BA. 5 ed. Livraria Espírita Alvorada Editora (LEAL). 2001.

PIRES, José H. **A Evolução Espiritual do homem na perspectiva da Doutrina Espírita**. São Paulo, SP. 1 ed. Editora Paideia Ltda. 2002.

SALLES, Ricardo. **E o vale era escravo**. Vassouras, século XIX. Senhores e escravos no coração do Império. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 89.

SKIDMORE, T. E. **Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro (1870-1930)**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 39.

STORTO, L.H; AGUILAR FILHO, S. **História do Brasil**. Disponível em: <http://www.libertaria.pro.br/brasil/capitulo9_index.htm>. Acesso em: 28 jul. 2015.

VASCONCELOS, S.S.D. Tópicos sobre o papel da igreja em relação à escravidão e à religião negra no Brasil. **Revista de Teologia e Ciências da Religião**. v. IV, 2005, p 35-51.

* Obs: Atualmente, maio de 2018, esse artigo pode ser encontrado em: <<http://www.camara.sp.gov.br/apartes-antiores/revista-apartes/numero-9-agosto2014/eles-desbravavam-o-sertao-e-faziam-leis/>>